

aiba

04
ano II
1º trimestre, 2016

RURAL

A revista do agronegócio da Bahia



A soja nossa de cada dia

RICHA EM PROTEÍNAS E CONSIDERADA A CHAVE PARA O ABASTECIMENTO MUNDIAL, A SOJA FOI A CULTURA AGRÍCOLA QUE MAIS SE EXPANDIU NO MUNDO NAS ÚLTIMAS DÉCADAS



AIBARURAL
#04 - 02/2016
Oeste da
Bahia





AGORA É GUERRA!

BICUDO BOM É BICUDO MORTO!

A campanha nacional contra o bicudo-do-algodoeiro (*Anthonomus grandis*), praga que voltou a ter maior incidência nas lavouras brasileiras, foi lançada pela Abrapa, durante o 10º Congresso Brasileiro do Algodão com o lema "Agora é guerra. Bicudo bom é bicudo morto". O objetivo da campanha é nivelar o conhecimento entre os produtores e conscientizá-los, tendo em vista que a maioria sabe o que tem que ser feito para evitar e combater o bicudo, mas na prática, acaba não fazendo.

Segundo estimativas, os produtores de algodão estão convivendo com uma perda de R\$ 1,7 bilhão por ano devido aos danos causados pelo bicudo.

Na região oeste da Bahia, estão sendo desenvolvidas ações imediatas para o combate bicudo com a reformulação do Programa Fitossanitário da Abapa.

**Livre-se das soqueiras e tigueras.
Só a prevenção reduz a multiplicação do Bicudo!**



O MELHOR LUGAR PARA FAZER BONS NEGÓCIOS É AQUI



BAHIA FARM SHOW **24 A 28 DE MAIO DE 2016**

- Melhor vitrine do agronegócio nacional
- Todas as novidades tecnológicas do mercado
- Máquinas, implementos, insumos e serviços
- Maiores fornecedores do Brasil
- Mais de R\$1 bilhão em volume de negócios

Realização:



77 3613.8000
www.bahiafarmshow.com.br

Ao leitor

Iniciamos a safra 2015/16 com novos desafios. O período seco prolongado na fase de plantios nunca visto antes, juntamente com um período com grandes chuvas na sequência, superando os 600 mm de precipitações em janeiro, mostraram novamente extremos que nossos agricultores precisam conviver.

Considerando que após as turbulências vem a calma, entramos numa fase de lavouras com bom desenvolvimento, nos estimulando a visualizarmos uma safra de bons resultados. Estes puderam ser constatados no levantamento realizado após os períodos críticos superados.

Quanto aos números da safra atual, a soja mantém a liderança com 1,52 milhão de hectares em cultivo e uma produtividade esperada na casa das 56 sacas. O algodão, que sentiu menos os problemas da safra, está na casa dos 240 mil hectares em desenvolvimento, com estimativas de colheita de 270 @/ha. Por outro lado, o milho reduziu novamente, desta vez para 135 mil hectares e com projeções de render 150 sc/ha.

Enquanto as lavouras se desenvolvem, outros assunto precisam de atenção. Um exemplo é o cumprimento dos prazos para o cadastramento do CEFIR, que em 5 de maio finaliza. Após este prazo, virão limitações, por isso a importância do cumprimento deste.

Diante da colheita que se aproxima, gerenciar a qualidade dos grãos é fundamental na hora da comercialização. Para isso, é imprescindível entender sobre o assunto. Por este motivo, a Aiba vem realizando treinamentos sobre Classificação de Grãos.

Foi pensando na principal cultura agrícola da região, que o destaque desta edição é a soja. O grão está presente em muitos produtos que, inclusive, desconhecemos. Estes são alguns dos assuntos que a Aiba Rural apresenta nesta edição, juntamente com outros temas do agronegócio regional.

Boa leitura!

IVANIR MAIA

Diretor de Relações Institucionais da Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia (Aiba)

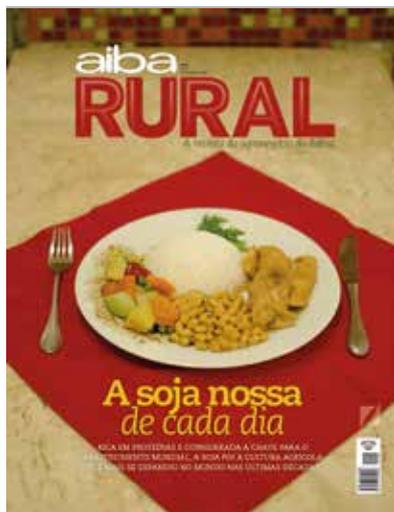


Foto da capa: C. Félix

aiba
RURAL

04 - ano II - 1º trimestre, 2016

Aiba Rural é uma publicação trimestral da Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia.

Avenida Ahyllon Macêdo, 919
Tel.: (77) 3613.8000
Morada Nobre - Barreiras (BA)

DIRETOR RESPONSÁVEL

Ernani Edvino Sabai

CONSELHO EDITORIAL

Alessandra Chaves, Ernani Sabai, Helmut Kieckhefer, Ivanir Maia, José Osino Lopes e Cattiane Magalhães

CONSULTORIA EDITORIAL

Cícero Félix

PRODUÇÃO E PROJETO GRÁFICO

Ouza Editora Ltda.

IMPRESSÃO

Gráfica Coronário

TIRAGEM

2.000 exemplares



PRESIDENTE: Júlio César Busato

1º VICE-PRESIDENTE: Isabel da Cunha

2º VICE-PRESIDENTE: Odacil Ranzi

DIRETOR ADMINISTRATIVO: Moisés Almeida Schmidt

VICE-DIRETOR ADMINISTRATIVO: Franklin Akira Higazi

DIRETOR FINANCEIRO: Ildo João Rambo

VICE-DIRETOR FINANCEIRO: David M. A. Schmidt

CONSELHO FISCAL TITULARES

Luiz Carlos Berlatto

João Antônio Gorgen

João Carlos R. Jacobsen Filho

CONSELHO FISCAL SUPLENTE

Adilson Heidi Sujuki

Luiz Pradella

Fabrizio Rosso Pacheco

CONSELHO TÉCNICO

Antônio Grespan

José Cláudio de Oliveira

Orestes Mandelli

Paulo Gouveia

Raimundo Santos

Raphael Gregolin Abe

Landino José Dukevics

CONSELHO CONSULTIVO

Humberto Santa Cruz Filho

João Carlos Jacobsen Rodrigues

Walter Yukio Horta

CONSELHEIROS CONVIDADOS

Celestino Zanella

Marcelino Flores

Luís Carlos Bergamaschi

Paulo Mizote

Osvino Fábio Ricardi

Douglas Alexandre Radoll



Ouza Editora

Barreiras (BA) - Tel.: (77) 3613.2118



A aiba Rural, consciente das questões ambientais e sociais, utiliza papéis com certificação (Forest Stewardship Council®) na impressão deste material. A certificação FSC® garante que a matéria-prima é proveniente de florestas manejadas de forma ecologicamente correta, socialmente justa e economicamente viável, e outras fontes controladas. Impresso na Gráfica Coronário - Certificada na Cadeia de Custódia - FSC®.

ÍNDICE

- 8 ENTREVISTA**
Isabel da Cunha
- 11 MERCADO**
Estamos prontos para exportar feijões de preferência internacional?
- 12 ANÁLISE**
A nova realidade do milho brasileiro
- 14 CLIMA**
Efeitos do *el nino* no ciclo hidrológico
- 18 INTERNET**
Inkra lança novo sistema para emissão do CCIR
- 20 USUCAPIÃO**
Novidades no código de processo civil e na lei de registros públicos
- 25 CERTIFICAÇÃO**
ABR realiza diagnóstico nas propriedades rurais
- 28 CAPA**
Soja, a chave para o abastecimento mundial de alimentos
- 34 MEIO AMBIENTE**
As unidades de monitoramento e combate a incêndios florestais
- 37 FITOSSANIDADE**
Abapa intensifica visitas aos núcleos produtores de algodão
- 38 PRAGA**
É preciso reduzir a perda causada pela mosca branca
- 40 CONTROLE**
Nematoides fitoparasitas na soja, algodão, café e vegetação nativa do Oeste
- 42 COMODITIES**
A correlação entre o dólar e o preço doméstico do algodão
- 44 SAFRAS & MERCADO**
- 46 GESTÃO**
Aprosem tem nova diretoria e amplia atuação no Matopiba
- 46 TREINAMENTO**
Curso de classificação de grãos capacita agricultores
- 48 FORMAÇÃO**
Seleção de jovem aprendiz rural atrai centenas de estudantes
- 50 OPINIÃO**
- A crise, Einstein, a agricultura nos Cerrados e o futuro
 - Políticas públicas de apoio ao meio rural

Sustentabilidade no CAMPO



**Há 15 anos
no Oeste da Bahia
desenvolvendo soluções
de manejo Químico,
Físico e Biológico.**

www.jcofertilizantes



PIXABAY

Conselho Técnico divulga levantamento sobre a safra 2015/16 após chuvas

As precipitações registradas no final de dezembro de 2015 e em janeiro de 2016, no Oeste da Bahia, renovaram as perspectivas de boa safra 2015/16 para as culturas de grãos e fibra na região. A informação é do 2º levantamento realizado pelo Conselho Técnico da Aiba, que verificou pequena redução de área plantada nas lavouras de soja, de 1,55 para 1,52 mi hectares, devido a estiagem entre novembro e dezembro do ano passado. No entanto, os números não interferiram na produtividade do grão, que deve manter a média de 56 sacas por hectare. O algodão deve manter a produtividade média de 270 arrobas por hectare em uma área inicial de 240 mi

hectares plantados. As chuvas chegaram a 450 mm na maioria dos municípios do Oeste. Este cenário contribuiu para que as culturas de soja e algodão continuem com perspectivas de produtividade comparadas com a melhor média já atingida na região.

O Conselho Técnico da Aiba é formado por representantes de associações de produtores, sindicatos, multinacionais, instituições financeiras e órgãos governamentais que se reúnem de acordo com os calendários de plantio e colheita das safras na região. A próxima reunião vai acontecer no início de março, quando nova análise será divulgada. Mais informações podem ser obtidas na Aiba.

Produtor deve ficar atento a prazo para cadastro do Cefir

Os produtores rurais têm até o dia 5 de maio para aderir ao Cadastro Estadual Florestal de Imóveis Rurais (Cefir). Essa adesão é fundamental para demonstrar a regularidade ambiental da propriedade rural. Para quem já é cadastrado é necessário atualizar os dados caso tenha acontecido mudança na propriedade ou se o cadastro foi efetuado antes de outubro de 2014. Os produtores rurais que ainda não se cadastraram e apresentam passivos ambientais referentes à ocupação irregular até 22 de julho de 2008, em Áreas de Preservação Permanente (APP) e de Reserva Legal, só conseguirão benefícios como suspensão de multas e possibilidade de compensação de Reserva Legal através do Código Florestal se aderirem ao Cefir até o prazo estabelecido.

DIVULGAÇÃO



ABR: programa avalia produtoras de algodão na BA

Encerram em fevereiro as visitas às fazendas de algodão inscritas no Algodão Brasileiro Responsável (ABR), programa de sustentabilidade da Associação Baiana dos Produtores de Algodão (Abapa). Elas têm como objetivo o diagnóstico inicial e preparação do processo de certificação e selo de conformidade ABR de acordo com progresso das boas práticas sociais, ambientais e econômicas.

Polícia apresenta balanço trimestral da Operação Safra

O comandante do CPRO e coordenador geral da Operação Safra, cel. PM Paulo Salomão, apresentou em janeiro o resultado parcial das ações iniciadas há três meses no Oeste da Bahia. Nesse período, as patrulhas da Cipe Cerrado, CIPT e CIPRV Barreiras já percorreram 843 propriedades agrícolas e registraram quatro ocorrências de furtos e roubos nas mesmas. Foram recuperados seis veículos, dois tratores, um motor e uma carga de defensivos. A operação realizou ainda abordagem a 1600 condutores de carro e 763 de motocicletas. Ao todo, mais de 324 estabelecimentos e 6 mil pessoas, em movimentação suspeita foram abordadas pelos policiais, o que resultou na apreensão de 14 armas de fogo. Três pessoas foram presas em flagrante.

Prepare terreno para grandes colheitas.



**Aplicando
o calcário
da Mineração
do Oeste.**

+ Produtividade

+ Rentabilidade

+ Sustentabilidade

**+ Próximo da sua
lavoura**

Ao longo das últimas três décadas, a **MINERAÇÃO DO OESTE** tem se firmado como parceira do desenvolvimento do agronegócio na Região Oeste da Bahia. Investindo cada vez mais em inovação, seja através de pesquisas, novas tecnologias ou modernos equipamentos, vem aprimorando a qualidade do calcário corretivo de solos que oferta ao mercado, e o melhor, mais próxima da sua lavoura pois São Desidério é o coração do Oeste Baiano.



“A concepção de produzir, precisa ser melhor entendida”

por **REDAÇÃO**

Natural de Tapera (RS), Isabel da Cunha veio morar na Bahia em 1981. Cerca de duas décadas depois começou a produzir algodão. Hoje, além de administrar os compromissos como produtora, preside a Associação de Produtores de Algodão do Tocantins (Apratins). Na entrevista abaixo ela fala sobre a competitividade do algodão da região e da necessidade de “implantação de boas práticas para a ampliação e sustentabilidade da cultura”.

Diante do período seco nos plantios e chuvas na sequência, qual a realidade que se encontra o cenário agrícola no momento e os impactos destes acontecimentos?

Iniciamos a safra 2015/16 com irregularidade na distribuição das chuvas, exigindo replantios, estimados em 8% da área total, mas não comprometendo a evolução das lavouras de soja e algodão. Mesmo, com as chuvas escassas em dezembro, temos previsões de chuva para março e abril, e se realmente vier a se concretizar, não vejo um cenário de grandes perdas. O que nos leva a crer que teremos uma ótima produtividade. Mesmo porque o produtor que está na Bahia há mais de 20 anos sabe que as condições climáticas raramente se repetem e que o plantio e o manejo nunca são iguais. Sendo assim, ele já está adaptado e atento para estas adversidades.

Quais as principais carências que os agricultores enfrentam no momento?

Na minha opinião, a maior dificuldade enfrentada nesta safra é a renovação de crédito. Garantia em real e retomada em dólar. Assim fica difícil para o produtor. Muitas instituições financeiras privadas e traidings que de longa data atuavam emprestando para o setor, receberam seus haveres e se retiraram do mercado. Entre os argumentos figura principalmente o

cenário político instável. O crédito oficial, que poderia ser uma alternativa temporal, é limitado e não atende as necessidades de custeio e investimentos.

O que dificulta a verticalização das cadeias produtivas locais?

Há tempos as instituições de classe, representantes dos agropecuaristas, demandam ações públicas e privadas objetivando a verticalização das cadeias produtivas, especialmente do algodão. Entre as maiores dificuldades apontadas por investidores está a qualidade da energia e ausência de incentivos fiscais. Atualmente, a crise interna (política) tem refletido na econômica, afugentando novos investidores para a região. Logística e mão-de-obra especializada para a indústria, também são deficiências locais, mas que podem ser superadas sem grandes dificuldades. Face às questões mencionadas, em 2010 perdemos uma grande oportunidade quando parte de indústria têxtil migrou do Nordeste para o Mato Grosso.

Como a senhora se sente como líder do agronegócio, em meio a um espaço predominantemente masculino?

Com naturalidade. Confesso que em princípio acreditava encontrar mais dificuldades de inserção, mas desde quando aceitei o desafio de liderar uma instituição tão forte como a Abapa, não me senti e nem mesmo fui discriminada, desrespeitada ou rejeitada em momento algum. Pelo contrário, representantes institucionais ligados ao setor agiram com naturalidade. Lógico que no começo foi um pouco estranho para mim, por conta de peculiaridades, responsabilidades do cargo, das demandas



A região tem potencial de alcançar 5,3 milhões de hectares de área agricultada de cerrado nos próximos 20 anos”



do setor e principalmente por ser a única mulher, até então. Situações bem diferentes do que encontro no cotidiano do Grupo Ilmo da Cunha –, mas que com o tempo todo o ambiente foi me envolvendo e absorvendo o meu jeito. Fui chegando, fui ficando e estou aqui.

O modo feminino de gestão é mais produtivo?

O gerir e produzir depende de vários fatores. Uma pessoa sozinha não vai fazer toda a diferença. Cada um tem que fazer a sua parte, de preferência o que gosta, dentro das suas habilidades e agregando. Sinergia entre homens e mulheres envolvidos nas ações e atividades empresariais e pessoais, é um dos fatores primordiais para que uma organização possa obter os melhores resultados. Mas, o tempo, somado aos desafios que se apresentam, ensina muito também.

A senhora foi a primeira mulher a assumir a presidência da Abapa. O que gostaria de ter feito e não conseguiu quando esteve lá?

No Brasil, são muitos os desafios impostos a quem deseja Produzir. Na agricultura, em especial, vejo o produto de todo um trabalho brotar do solo e trazer grandes resultados, sejam econômicos, sociais e até mesmo políticos. Problemas climáticos, preconceito de muitos da sociedade, legislação ambiental e trabalhista muito difícil e onerosa de se atender na plenitude; tornam-se pequenos em ordem de relevância quando enxergo no horizonte uma lavoura que passou por diversos ciclos e alimentará uma imensidão de pessoas. Trabalhamos muito na tentativa de iniciar uma mudança neste cenário – apesar

ISABEL DA CUNHA

Há mais três décadas no Oeste da Bahia, produtora já foi presidente da Abapa e agora preside Apratins. No início, ela achava que ia ter muita dificuldade em administrar uma associação formada basicamente por homens. Com o tempo, revela, “com o tempo todo o ambiente foi me envolvendo e absorvendo o meu jeito. Fui chegando, fui ficando e estou aqui”

de entender o quão isto é difícil, eu gostaria ter concretizado. A concepção de produzir, ainda precisa ser melhor entendida pela sociedade. Os produtores rurais podem contribuir muito neste sentido, por isso a importância de haver maior participação destes através das associações de classe. Unidos seremos sempre mais fortes.

Atualmente a senhora é presidente da Associação de Produtores de Algodão do Tocantins (Apratins). Os desafios a serem enfrentados são os mesmos da Bahia?

Sim, certamente. Os desafios são os mesmos do início da Abapa. Promover a sustentabilidade da cultura através da implantação de políticas públicas de incentivo a ampliação das áreas, congregação dos produtores, controle de pragas e doenças, implantação de boas práticas para a ampliação e sustentabilidade da cultura.

O algodão do Oeste continua competitivo?

Apesar do aumento no custo de produção e queda no preço da comodit ainda temos condições competitivas, mas, poderíamos estar melhor se tivéssemos uma estrutura logística de qualidade. O maior ponto positivo é a alta qualidade da fibra, reconhecida internacionalmente e que vem se mantendo apesar de uma leve queda por conta de efeitos climáticos das últimas duas safras. O produtor tem que lutar para manter essa qualidade. Mas de modo geral tem todas as ferramentas para continuar produzindo o melhor algodão do mundo: além do clima favorável do oeste (pluviometria e luminosidade), temos uma ótima topografia, e um alto nível tecnológico implantado que vai desde o preparo do solo, manejo da cultura ao beneficiamento da pluma.

Que previsão a senhora faz do agronegócio do Oeste da Bahia daqui a 10 e 20 anos?

Impossível de se prever. As constantes mudanças no cenário político e econômico - principalmente no nacional -, têm sido muito acentuadas neste último biênio, de tal forma a dificultar a realização de um planejamento de médio e longo prazo. A situação fica ainda mais delicada com a limitação de políticas de incentivo à manutenção da cultura e verticalização da cadeia produtiva. Mas entendemos que não haverá retração do setor para o futuro, pois a agricultura da região já está consolidada e por diversas vezes, em momentos de incerteza, se mostrou fortalecida, sempre em expansão, e principalmente buscando soluções. Entretanto, estudos realizados pelas instituições Aiba e Abapa, apontam que os municípios agrícolas localizados no extremo Oeste tem potencial de empregar 5,3 milhões de hectares de área agricultada nos próximos 20 anos, sendo atendidas todas as exigências da legislação e potencialidade ambiental.*

O Fundesis vai investir em 2016 mais de meio milhão de reais em 16 projetos de 8 municípios.

O Fundo para o Desenvolvimento Integrado e Sustentável da Bahia (Fundesis) contempla projetos com ações voltadas para a educação, esporte, saúde preventiva, emprego e renda, cultura e inclusão social e digital. Cada entidade pode receber até R\$ 50 mil em doação, que são liberados em parcelas. Os gestores das entidades são regularmente acompanhados pela coordenação do Fundesis, que orienta e exige a prestação de contas para liberação das parcelas seguintes. Veja, abaixo, a entidades que tiveram os projetos aprovados:

Barreiras - **Associação Impacto Karatê de Barreiras, Casa de Reintegração Social Nova Vida, Projetos Cata-ventos, Abrigo dos Idosos de Barreiras, Instituto Caturama de Sustentabilidade, Instituto Parceiros da Educação pela Vida (PPVIDA) e Lar Esperança;**

Luís Eduardo Magalhães - **Instituto Recicla Social e Desenvolvimento Cultural Recicla e Lions Clube Mimoso do Oeste;**

São Desidério - **Associação da Melhor Idade Padre Jacy;**

Baianópolis - **Clube Social Cascudeiro do Oeste;**

Riachão das Neves - **Escolinha Gol de Placa;**

Correntina - **Abrigo dos Idosos Irmã Zélia;**

Santa Maria da Vitória - **Grupo Espírita União e Amor e APAE de Santa Maria da Vitória;**

Bom Jesus da Lapa - **Casa de Passagem Aloísio Tanajura.**



Estamos prontos para exportar feijões de preferência internacional?

por **MICHAEL THUNG***

Os feijões tipo exportação ou feijões especiais são todos os tipos de grãos graúdos que não se produzem em grande escala no Brasil, mas que têm o maior número de produtores e, também, o maior em consumo de grãos pequenos como carioca, preto e rajado. Porém, do ponto de vista da exportação, esses tipos de grãos pequenos não têm demandas no mercado internacional.

A combinação das características de feijões especiais, comercializados internacionalmente, são definidos pela:

Forma de negócio - Em grandes quantidades são as variedades: Pinto, Great Northern, Dark Red Kidney (DRK) para enlatamento e Light Red Kidney vendido como grão seco; em menor escala: Cranberry e Sugar Beans.

Comercialização - Em embalagem de 500 g (Dry Pack), enlatado e em grãos secos. Tendo maior preferência por enlatados, seguido por grãos secos disponibilizados em supermercados.

Preferência do consumidor - Em países desenvolvidos, a maior preferência é pelos feijões semiprontos e enlatados.

Demanda - Pelos grãos de tamanho médio, como os tipos Sugar, Cranberry e branco (grande). A maior demanda pelos feijões brancos de tamanho médio e pequeno são dos países árabes, com populações de alto poder aquisitivo.

Peculiaridades - Myanmar produz DRK, exclusivamente para a Índia. Portugal é grande importador e atua principalmente como intermediário, tendo uma rede estabelecida de revenda no Mediterrâneo. O tipo especial e caro é o Flageolett que é comercializado na França, Alemanha, Espanha e Países Baixos.

As instituições de pesquisa de feijão tipo exportação - São localizadas, em sua maioria, nos Estados Unidos e são as mais antigas em melhoramento: Univ. Fed. de Nova York, em Michigan, de UC Davis, Idaho.

No Brasil, o melhoramento do feijão é realizado, quase que exclusivamente, pelo setor público. A Embrapa, por exemplo, tem cultivares para exportar como os tipos: Sugar Bean, BRS Executivo e BRS Radiante; Cranberry, DRK, BRS Embaixador. Com essas cultivares disponíveis o país pode se tornar um importante exportador de feijões.

De uma maneira geral, os países mais desenvolvidos requerem melhor qualidade de grãos e, normalmente, essa qualidade é expressa com maior tamanho de grãos. No cenário mun-



TIPOS EXPORTÁVEIS	PAÍSES IMPORTADORES
Branco (grande especial) tipo Alubia: (maior que 55g/100 sementes).	Espanha e Itália
Cranberry: feijão redondo com cor rosada e listras marrons (maior que 55g/100 sementes).	Itália: Borlotti ou Borlotto, Chiti ou Talash; Espanha: Pinta de Leon
Sugar bean: semelhante ao Cranberry, forma achatada e alongada. (maior que 70g/100 sementes).	Países Africanos
Dark Red Kidney: (maior que 60g/100 sementes).	Europa, Cuba e Índia

dial o que se observa é que existe grande potencial de demanda para o feijão de classe comercial internacional.

Dentre o potencial produtivo no país, os resultados das avaliações realizadas no Cerrado brasileiro, para adaptação de feijões tipo exportação, confirmam que o país está pronto para exportar. As variedades comerciais disponíveis reúnem as espécies de feijão branco (grande, médio e pequeno), Dark Red Kidney, Cranberry e Sugar Bean.

Com a ampliação das exportações de feijões será possível diversificar as cultivares de feijões e iniciar o hábito de consumo de outros tipos de grãos, ampliando a rotação de culturas e a sustentabilidade produtiva com mais uma opção de rotação, agregando valor ao produto, além de estabilizar o preço do mercado interno pela possibilidade de exportação de excedentes.

Uma importante estratégia que pode ser criada pelos produtores de feijões é criar novidade no mercado interno, cujo nicho ainda é pequeno, mas que, por outro lado, não tem concorrência.

Diante da pergunta levantada nesta análise, podemos afirmar que o Brasil está pronto para exportar, necessitando apenas que alguns produtores mais tecnificados produzam significativa quantidade e com frequência, para atender às exigências dos países importadores.✱

* Consultor técnico da Embrapa Arroz e Feijão.

A nova realidade do milho brasileiro

PIXABAY



por **THOMÉ LUIZ FREIRE GUTH**

Engenheiro agrônomo, especialista em fitotecnia e em agronegócio com ênfase em gestão de riscos e analista de mercado do milho na Companhia Nacional de Abastecimento.

A conjuntura atual da produção de milho no Brasil está vivendo um momento completamente antagônico, visto que a produção mundial do cereal, de 973,9 milhões de toneladas, está muito ajustada com o consumo mundial de 975,9 milhões. Além disso, o estoque final de 211,9 milhões é o maior já registrado, fato que pressiona as cotações em Chicago que, desde o final de 2014, permanecem abaixo de US\$ 4,00/bushel (US\$ 157,47/ton). Em poucos momentos, ao longo de 2015, esta barreira foi rompida.

Vale lembrar que, somado a isto, a produção brasileira de milho da safra 2014/15 fechou em um volume recorde de 84,7 milhões de toneladas, o que gerou um estoque de passagem de 11,2 milhões. Este contexto, tempo atrás, geraria bastante apreensão na cadeia produtiva do grão e, por sua vez, grande necessidade de intervenção governamental através da Política de Garantia de Preços Mínimos (PGPM), uma vez que os preços do produto sofreriam uma forte pressão baixista.

Apesar disto, as cotações internas do milho têm se mantido, em média, em patamares acima dos registrados na safra 2012/13 (entre R\$ 18,00 e 22,00/60Kg no Mato Grosso, R\$ 25,00 a 30,00 no Paraná e R\$ 35,00 em Barreiras/BA), quando houve a forte quebra de safra de milho dos Estados Unidos. Isto porque, a desvalorização cambial do real frente ao dólar tem pesado sobre a paridade de exportação do grão e, por consequência, nos preços domésticos.

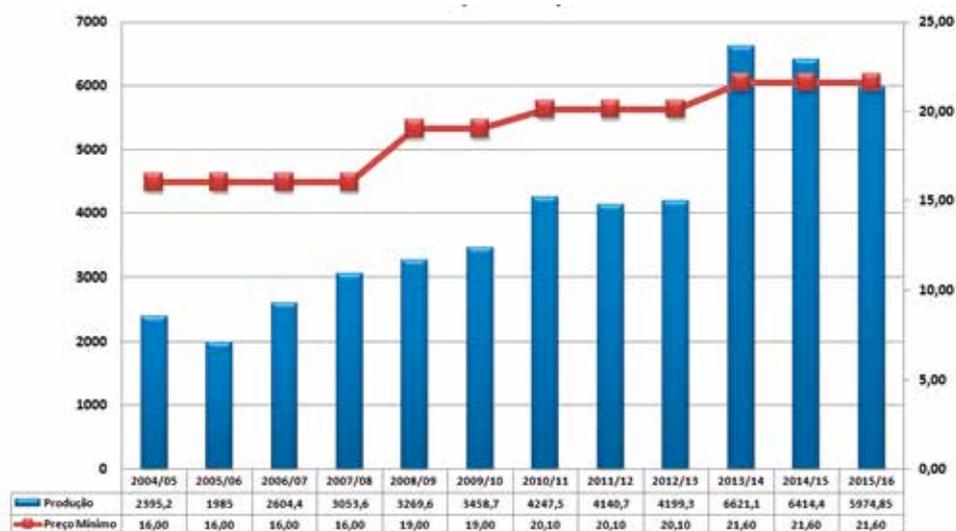
Esta paridade favorável permitiu que acontecesse um fato inédito na dinâmica de comercialização brasileira de milho: as vendas antecipadas. Em diversos estados produtores, houve uma comercialização de milho da safra 2014/15 antes do início da colheita, sobretudo em Mato Grosso e Goiás, principalmente, com direcionamento ao mercado externo, evidenciando que os produtores aproveitaram um custo de oportunidade.

Este fato fez com que a projeção de exportação brasileira de milho, de fevereiro de 2015 a janeiro de 2016, seja de 29,7 milhões de toneladas e, de acordo com o ritmo dos embarques, este número é perfeitamente atingível.

Para a safra 2015/16, a expectativa inicial é de que o país exporte 28 milhões de toneladas, até porque as vendas antecipadas do milho da safra citada já aconteceram em um volume considerável antes do plantio da 2ª safra, ficando claro que esta deve ser uma tendência de comercialização.

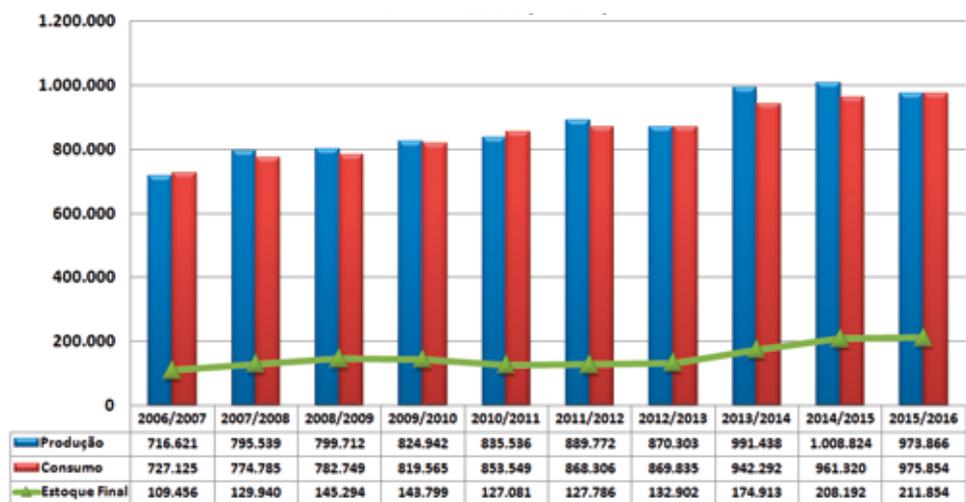
Neste íterim, é importante que os produtores estejam atentos às oportunidades de negócios, sobretudo visando

Comparativo da evolução do preço mínimo (R\$/60kg) e produção de milho (mil ton) no Matopiba



FONTA CONAB

Comparativo de produção, consumo e estoque final de milho no mundo nas últimas 10 safras (mil ton)



FONTA USDA

garantir o pagamento dos custos da lavoura, buscando realizar vendas, mesmo que antecipadas. Esse comportamento pode assegurar custos menores aos produtores, uma vez que já garantida a entrega, o tempo de armazenamento tende a ser menor.

Desta forma, a produção de milho do Centro-Oeste está cada vez mais direcionada ao mercado externo, enquanto que a do Sul busca o atendimento da produção de ração para alimentação animal e o Matopiba pode atender, com um pouco menos de competição com o Centro Oeste, a forte demanda do Nordeste.

O aumento do preço mínimo para a região do Matopiba tem sido fundamental no estímulo do produtor local, visando um atendimento dentro de uma logística mais barata de escoamento da produção, pelo fato de se ter o entendimento de que o Matopiba, sobretudo o Oeste baiano, tem plenas condições de área e tecnologia de produção para atender ao Nordeste e, também, ao mercado externo.

O Matopiba, hoje, é responsável por cerca de 6 milhões de toneladas de milho/ano safra. Este salto na produção acompanhou a evolução do preço mínimo para a região mas, também, deve-se à alta tecnologia aplicada, em especial, à produção do Oeste da Bahia.

Neste sentido, apesar da forte competição por área com a soja, é primordial que o produtor continue plantando milho. Não só pelo fato de haver demanda para o produto da região, mas porque o cereal é, também, uma alternativa importante na rotação de cultura, diminuindo a incidência de pragas e doenças na soja, que é o principal produto agrícola do Matopiba.

Vale ressaltar que as condições de mercado para o milho na safra 2015/16 devem ser muito semelhantes às da safra 2014/15, visto que não há indicação, no curto prazo, de que o dólar caia para índices abaixo de R\$ 3,50 e, a depender da área de milho a ser plantada nos Estados Unidos em abril/maio de 2016, as cotações de Chicago podem se elevar um pouco.*

Efeitos do *el nino* no ciclo hidrológico

da **ENEAS PORTO e ADRIELE BATISTA**

A precipitação pluvial é um importante fator no controle do ciclo hidrológico, e é uma das variáveis climáticas que exerce maior influência no meio ambiente, a qual permite recarregar aquíferos, alimentar os rios e proporciona condições favoráveis para o meio biótico, assim como para o desenvolvimento de atividades humanas, como as práticas agrícolas.

No Brasil existe um modelo histórico de regularidades dos efeitos climáticos relacionados aos fenômenos climáticos *el nino* e *la nina* (também chamados de fenômenos ENOS) em todas as regiões, onde os impactos sobre os regimes pluviométricos são os mais conhecidos.

Segundo o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), esses fenômenos oceânicos atmosféricos são condicionados pela temperatura do oceano Pacífico Tropical, formados pelo *el nino* que normalmente se intensifica no mês de Dezembro (daí vem a designação, que significa “O Menino”, referindo-se ao “Menino Jesus”) com aumento da temperatura do Pacífico e *la nina*, com o resfriamento das águas, e apresentam marcante influência sobre a variabilidade climática em diferentes regiões do Brasil.

De acordo com a Embrapa (2014), essas alterações climáticas podem influenciar diversos setores da economia, sobre-

tudo a agricultura. Não há setor na economia que dependa tanto das precipitações quanto a agricultura, afinal todo o cultivo, desenvolvimento e colheita dos gêneros necessitam de temperaturas propícias e precipitação de uma dada região.

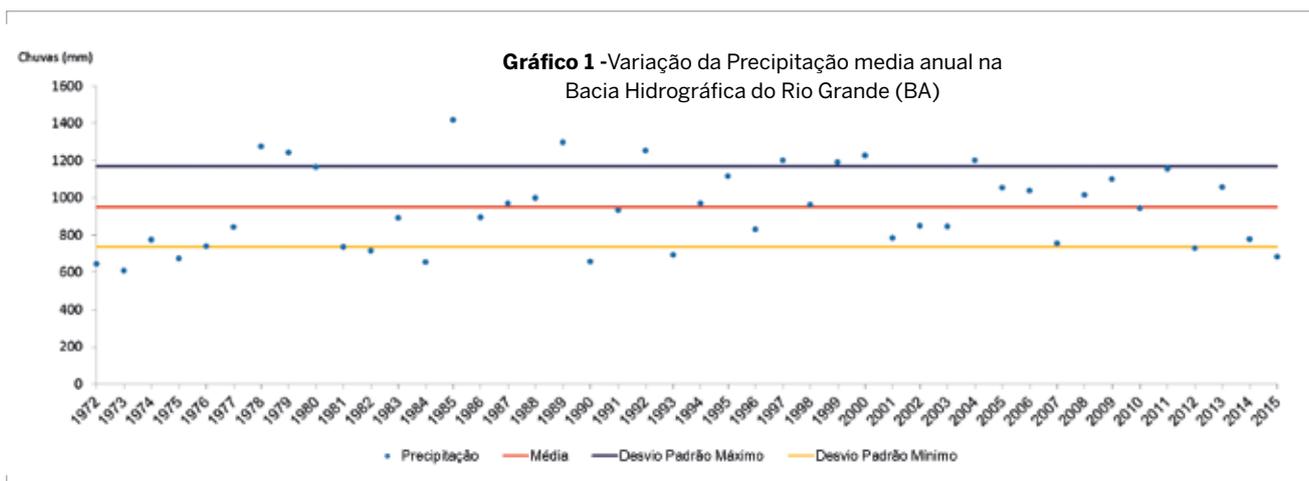
A variabilidade das precipitações, provocadas por irregularidades de fatores atmosféricos são influenciadas por diversos elementos, como pressão do ar, temperatura, velocidade e direção do vento, fazem com que a precipitação seja um dos elementos mais representativos para a produção agrícola.

No Oeste da Bahia, região de grande potencial para o agronegócio, os períodos chuvosos são fundamentais para o desenvolvimento dessa atividade, visto que mais de 85% das áreas agrícolas são cultivadas sob o regime de “sequeiro”, ou seja, a lavoura depende exclusivamente das chuvas para crescimento, desenvolvimento e reprodução.

Ao realizar a comparação entre distribuição pluviométrica anual dos últimos 41 anos (1974 a 2015) na Bacia Hidrográfica do Rio Grande e a ocorrência dos fenômenos *el nino* e *la nina* verifica-se que o comportamento dos volumes anuais podem estar associados à ocorrência desses fenômenos.

Dados da Bacia do Rio Grande de 1974 a 2015.

A análise comparativa entre os fenômenos ENOS e a distribuição pluviométrica anual da Bacia Hidrográfica do Rio Grande, na região Oeste da Bahia, dos anos de 1972 até 2015 se deu a partir do processamento dos dados das séries históricas de precipitação de 31 estações da Agência Nacional das Águas (ANA) através do Hidroweb, além do levantamento histórico de



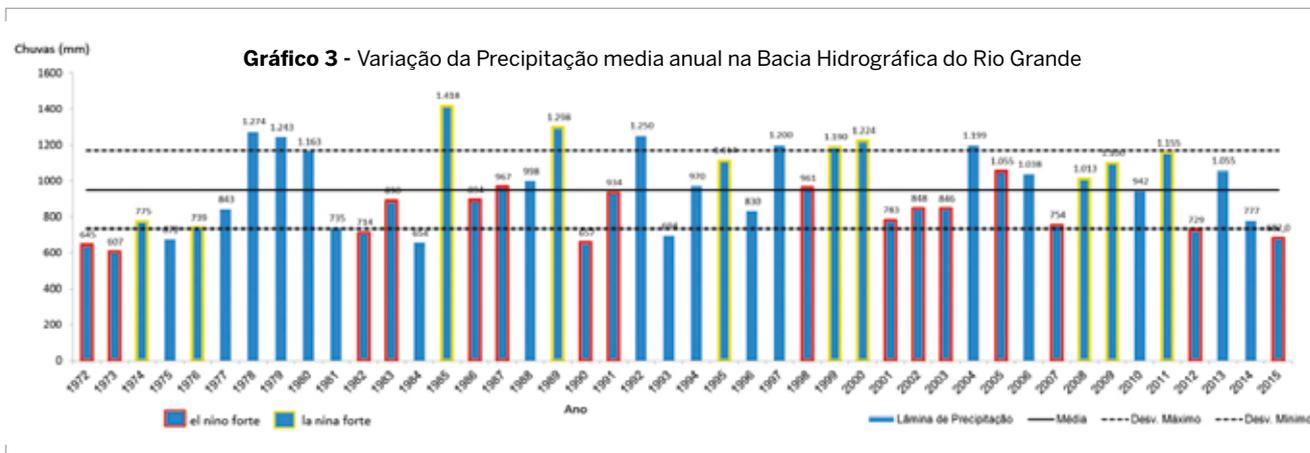
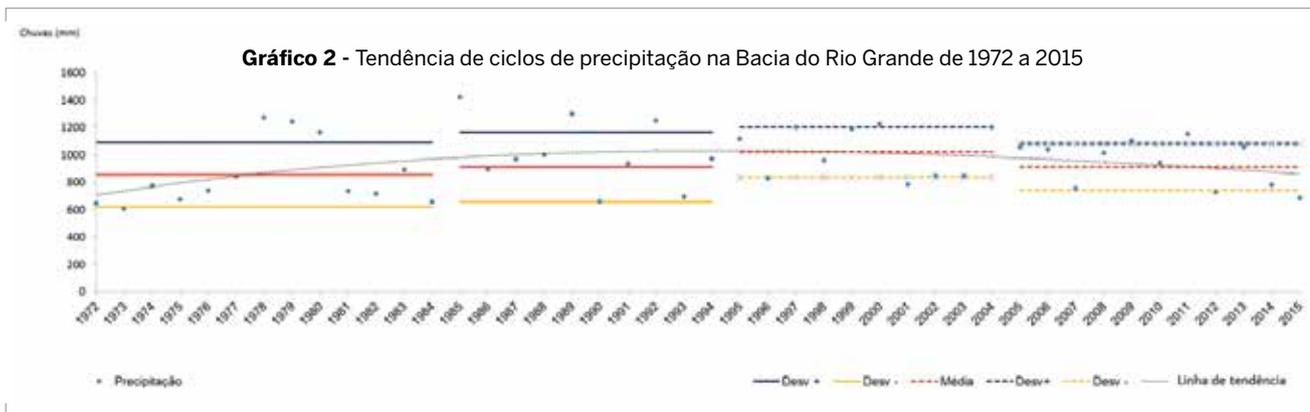
anos de ocorrência de el nino e la nina por meio do Centro de Previsão do Tempo e Estudos Climáticos (CPTEC) do Inpe.

Para cada série histórica de dados de chuvas das estações pluviométricas selecionadas, foram calculadas as médias a partir de dois métodos, o aritmético e o Thiessem. No método aritmético foram calculadas as médias aritméticas e os desvios padrão de cada ano para todas as estações analisadas. Para Método de Thiessem foram ajustados os parâmetros das distribuições e estimativas de inferência.

Ao analisar o comportamento pluviométrico do histórico de 42 anos da Bacia Hidrográfica do Rio Grande, observa-

-se uma lâmina máxima de precipitação de 1418,1mm em 1985 e a mínima de 606,8mm em 1973 conforme o gráfico 1. Os totais anuais de precipitação apresentaram variação de 430,6mm com desvio máximo de 1.167mm (linha azul) e desvio mínimo de 736 mm (linha amarela).

Os panoramas de distribuição espacial evidenciaram que a precipitação mantém aproximadamente um padrão de distribuição semelhante para toda a amostra (1972-2014), mesmo em períodos de regime bem diferenciados, corroborando com o regime de distribuição cíclica das chuvas com uma leve tendência de uma nova distribuição mais estável.



➤ Ao seccionar as médias e os desvios dos totais pluviométricos anuais em quatro partes observou-se uma oscilação periódica, onde se constatou que os anos de 1972 a 1984 apresentaram a média mais baixa observada, de 855,5 mm, seguida de um aumento da média para 1012,2 mm entre os anos de 1985 a 1994, e a maior média de 1019,7 mm entre os anos 1995 e 2004. Nos últimos 11 anos, de 2005 a 2015 observou-se que houve uma redução da média para 912mm, caracterizando um ciclo alternado das médias (gráfico 2).

Esse comportamento leva a entender que a média pluviométrica da região da Bacia Hidrográfica do Rio Grande apresenta sucessiva oscilação periódica. Nos últimos anos, observa-se o período de baixas pluviosidades, fato que corrobora com a escassez hídrica dos últimos 10 anos.

Ao relacionar os totais pluviométricos anuais da série histórica aos registros de maior intensidade dos fenômenos “ENOS” observa-se uma influência do *el nino* e *la nina* nas lâminas de precipitação, visto que há uma combinação entre os eventos atmosférico-oceânico e a média registrada de 952 mm. Nesse sentido, em anos de ocorrência de *el nino* intenso os valores de precipitação anual observados normalmente ficam abaixo da linha média, já em anos de ocorrência *la nina* de forte intensidade os valores anuais ficaram acima da linha de tendência (gráfico 3).

A média pluviométrica em anos de ocorrência *el nino* foi de 811,7mm representadas pelas barras de borda vermelha.

Em anos em que o fenômeno *la nina* mostrou-se mais forte, ilustrada na gráfico 3 pelas barras de borda amarela, a média foi de 1102,6mm com chuvas acima da normal climatológica.

Os dados analisados evidenciam um comportamento de padrões cíclicos, onde ocorrências de anomalias relativas à diminuição dos índices de precipitação podem estar diretamente ligadas ao fenômeno *el nino*. Portanto, essa evidência observada na serie histórica analisada pode explicar a anomalia no comportamento pluviométrico do ano de 2015 para a região Oeste da Bahia, visto que nesse ano, segundo o INMET (2015) observou-se forte intensidade nas anomalias positivas de Temperatura da Superfície do Mar (TSM) de 4°C indicando que esse pode ser um dos *el ninos* mais fortes dos últimos 50 anos.

Conclui-se que existe evidência de forte influência dos fenômenos ENOS no comportamento climático-atmosférico da Bacia Hidrográfica do Rio Grande. Contudo, o pouco conhecimento sobre os efeitos dos fenômenos na distribuição espaço-temporal das chuvas na região ainda não permitem afirmações conclusivas. Portanto, necessita-se conhecer o comportamento atmosférico da região Oeste da Bahia para melhor planejamento regional e gerenciamento dos recursos hídricos durante os períodos de escassez hídrica, visando a minimização dos riscos climáticos para a agricultura.*

Abacafé:

*amparo à pesquisa e
busca de melhorias
para o cafeicultor.*

Recentemente, a Abacafé tem desenvolvido, em parceria com a Fundação Bahia, uma pesquisa (ou trabalho de manejo) que busca combater o bicho mineiro através do controle biológico e os resultados tem sido ótimos. O foco da pesquisa é a adaptação desses materiais e também a parte nutricional, onde são testadas dosagens de nitrogênio, fósforo e enxofre.

“*Estamos buscando uma ligação maior entre as entidades da região e queremos que o produtor possa aproveitar essa junção tendo, assim, maiores e melhores resultados. Nossa gestão tem buscado amparar a pesquisa e trazer mais informações para os cafeicultores da região através de dias de campo e até mesmo dos estudos realizados.*”
disse Marcos Pimenta, presidente da Abacafé.

O presidente da Abacafé acredita que a região oeste da Bahia tem um potencial muito grande quando o assunto é a expansão da cafeicultura. “Temos água, solo ideal, área disponível, clima favorável e entre tantas outras particularidades conseguimos colher um café de excelente qualidade. Acredito que ainda podemos expandir a cafeicultura na região”, disse Marcos.



Sintomas do ataque do bicho-mineiro do café.



A Abacafé busca mais tecnologia e mais informação para que cada projeto seja embasado com propriedade. “O nosso objetivo é buscar, através da pesquisa no campo, formas de viabilizar melhoras na cafeicultura”, concluiu o presidente.

Incra lança novo sistema para emissão do CCIR

por **ASCOM INCRA**

O Sistema Nacional de Cadastro Rural (SNCR) que foi instituído pela Lei 4.504 de 30 de novembro de 1964, conhecida como Estatuto da Terra, tem por objetivo cadastrar e classificar todos os imóveis rurais existentes no território nacional e implementar a Reforma Agrária e a promoção da Política Agrária. Com isso, o Certificado de Cadastro de Imóvel Rural – CCIR teve sua importância consolidada através da Lei 4.947 de abril de 1966 que através do seu Artigo 22º estabeleceu que a partir de 1º de janeiro de 1967:

“§1º Sem apresentação do Certificado de Cadastro, não poderão os proprietários, a partir da data a que se refere este artigo, sob pena de nulidade, desmembrar, arrendar, hipotecar, vender ou prometer em venda imóveis rurais.”

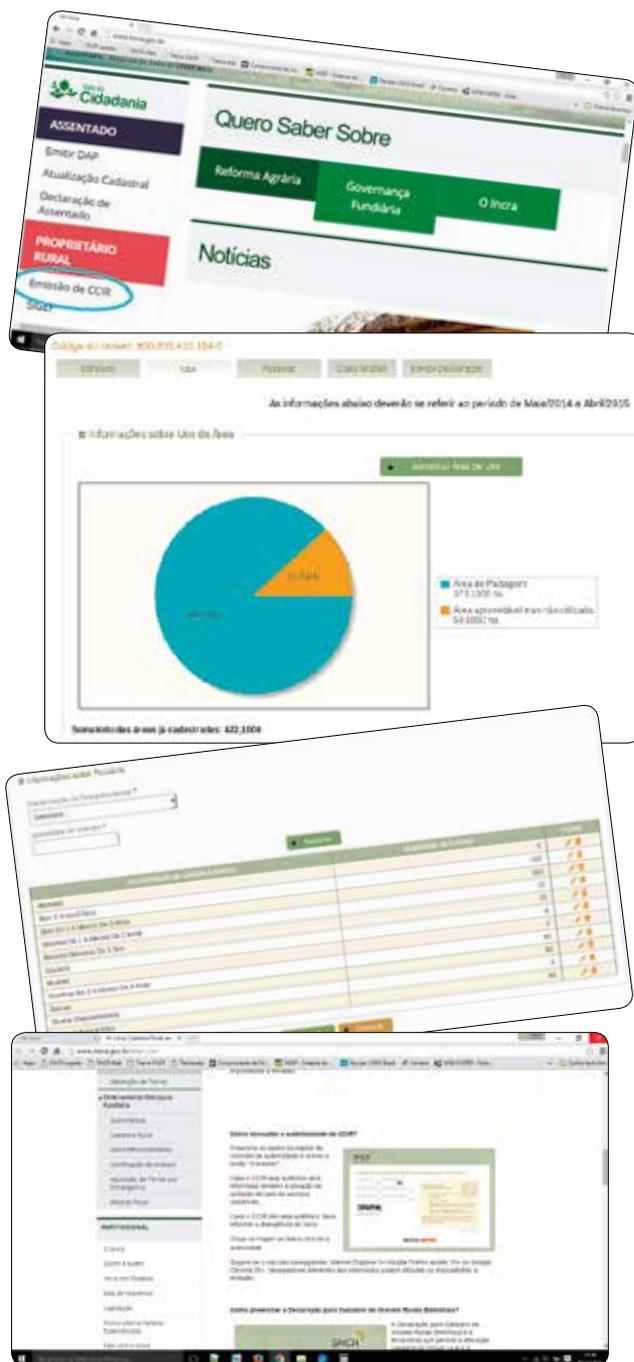
“§2º Em caso de sucessão causa mortis nenhuma partilha, amigável ou judicial, poderá ser homologada pela autoridade competente, sem a apresentação do Certificado de Cadastro, a partir da data referida neste artigo.”

A partir de maio de 2015, o Sistema Nacional de Cadastro Rural passou por uma modernização na qual foram inseridas funcionalidades para facilitar o acesso do Produtor Rural à declaração do seu Imóvel Rural no Incra. Com o lançamento da Declaração Eletrônica (eDP), o proprietário ou possessor, passou a acessar uma página “web” pessoal onde estão disponíveis as informações dos imóveis cadastrados em seu nome, podendo efetuar alterações cadastrais de forma rápida e prática.

O sistema de declaração eletrônica pode ser acessado através do site do Incra no endereço www.Incra.gov.br na guia “Emissão de CCIR”.

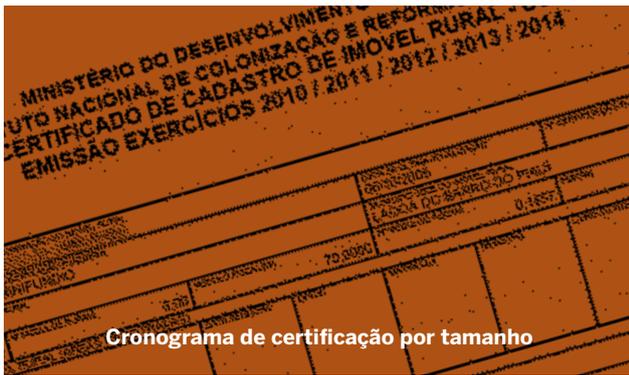
De uma forma geral, os documentos básicos necessários para efetuar o cadastramento de um Imóvel Rural são: documento que comprove a posse ou propriedade do imóvel, documento do proprietário CPF e RG (em caso de condomínios o documento de todos os condôminos), documento do cônjuge, certidão de casamento, Número do Imóvel na Receita Federal (NIRF). Para mais informações sobre o cadastramento e alterações cadastrais nos imóveis rurais acesse o Manual de Preenchimento de Cadastro Rural no endereço: http://www.Incra.gov.br/sites/default/files/uploads/estrutura-fundiaria/regularizacao-fundiaria/manual_declaracao_eletronica_final_13032015_1.pdf.

Outros dados a serem informados dizem respeito à produção do imóvel e sua utilização agropecuária nos últimos 12 meses anteriores à data da declaração. As informações sobre as áreas



SEGURANÇA

Os documentos emitidos pelo sistema possuem uma autenticação eletrônica que pode ser verificada via internet



TAMANHO DO IMÓVEL	EXIGIDO A CERTIFICAÇÃO A PARTIR DE
De 250 a 500ha	20 de novembro de 2013
De 100 a 250ha	20 de novembro de 2016
De 25 a 100ha	20 de novembro de 2019
Menores que 25ha	20 de novembro de 2023

cultivadas com cada cultura e as quantidades colhidas das mesmas, as áreas de reserva legal, preservação permanente, benfeitorias, pastagens, inaproveitáveis para atividades agrícolas como afloramento de rochas, enfim, como o solo da fazenda está sendo utilizado ou não em atividades agropecuárias. Nesta seção devemos informar também a média de animais mantidos no imóvel por espécie e faixa etária dos últimos 12 meses, ou seja, bois, vacas, garrotes, bezerros, equinos, caprinos, etc.

A certificação do imóvel rural através do Sistema de Gestão Fundiária (SIGEF), é exigida para o cadastramento de um imóvel rural ou sua alteração cadastral sempre que houver alteração na sua área documental, seja por desmembramento, remembramento ou retificação de área, ou modificação do proprietário obedecendo o cronograma conforme seu tamanho estabelecido pelo Decreto 7.629 de 21 de novembro de 2011.

Após o término dos procedimentos de atualização cadastral, o sistema emitirá um recibo com os documentos que devem ser enviados ao Incra ou entregues numa Unidade Municipal de Cadastro Rural nas Prefeituras Municipais Conveniadas ou enviados pelos Correios para a efetivação das alterações cadastrais por um funcionário habilitado pelo Incra.

No sítio do Incra podemos também verificar a autenticidade de um CCIR emitido, conforme figura ao lado. Os documentos emitidos pelo sistema possuem uma autenticação eletrônica que pode ser verificada via internet permitindo que qualquer pessoa possa se prevenir contra o recebimento de um documento falso ou alterado. Em caso de identificação de um CCIR alterado ou falso, o Incra deve ser informado prevenindo, assim, possíveis danos a terceiros.

O Certificado de Cadastro de Imóvel Rural é um documento obrigatório e de emissão gratuita pelas unidade do Incra ou conveniadas ou pela internet no sítio do Incra, e os servidores do órgão estão à disposição para esclarecimentos e auxílio aos produtores rurais para assegurar os direitos de acesso à documentação através das Salas da Cidadania, Unidades Municipais de Cadastro (UMC), e o Serviço de Cadastro Rural e de Certificação de Imóveis Rurais.*

Seu artigo científico
pode estar na
próxima edição da
revista Aiba Rural.
Envie seu texto!
Nosso conselho
editorial formado
por especialistas,
mestres e doutores
terá o maior prazer
de avaliá-lo para
publicação.

aiba
RURAL
A revista do agronegócio da Bahia

Novidades no código de processo civil e na lei de registros públicos



por **GEORGIA ALENCAR**

Advogada no Georgia Alencar Advogados Associados

A usucapião ou, do latim, usucapio, é uma forma de aquisição da propriedade – móvel ou imóvel – que se dá pelo exercício da posse mansa e pacífica de acordo com prazos estipulados em lei (*veja ao lado quadro de prazos e modalidades*) e, conforme a legislação processual vigente deve ser pleiteada somente pela via judicial.

No tocante a usucapião rural prevista no artigo 1.239 do Código Civil Brasileiro e no artigo 191 da Constituição Federal de 1988 é autorizada a aquisição por quem, mediante processo judicial e não sendo proprietário de outro imóvel rural ou urbano, possua, como se dono fosse, por cinco anos ininterruptos e sem oposição do proprietário, área rural de terra não superior a 50 hectares (anteriormente eram 25 hectares conforme o art. 1º da lei 6.969/81), desde que nela produza por seu trabalho ou de sua família e nela tenha sua moradia. Nessa hipótese não há exigência de justo título e presume-se a boa-fé.

Caso haja a pretensão de usucapir área superior a 50 hectares, os requisitos e prazos são diferenciados na legislação, a depender da existência de justo título, comprovação da boa fé e destinação que atenda a função social da propriedade, conforme o art. 1.238 e 1.242 do Código Civil.

Para simplificar, imagine-se a seguinte situação: você está na posse de um imóvel, dele cuidando como se dono fosse, por um bom tempo – a lei determina o prazo de dois a quinze anos conforme o tipo de usucapião; neste tempo, ninguém veio reclamar o imóvel, ou seja, deixou-o ao abandono; pela legislação atual o procedimento para conseguir a propriedade deste bem é tão somente recorrendo ao Poder Judiciário, através de uma ação de usucapião.

No entanto, trata-se de uma ação de procedimento especial, marcada por extrema formalidade e por esta razão, costumei-

ramente demorada. Esta complexidade formal é exigida para assegurar juridicamente o seu resultado, qual seja o direito em relação à posse.

No novo Código de Processo Civil, que deverá entrar em vigor ainda no primeiro trimestre de 2016, esta ação judicial passará a ser regrada no rito das ações de procedimento comum, o que visa em um primeiro momento, simplificar o procedimento e dar maior celeridade.

Ocorre que, e aí vem à novidade, com o objetivo de desafogar o Poder Judiciário, tão assoberbado de demandas, o novo Código de Processo Civil (Lei nº 13.105, de 16 de março de 2015) em seu artigo 1.071 acrescenta o artigo 216-A na Lei dos Registros Públicos (Lei nº 6.015/73), possibilitando o reconhecimento extrajudicial da usucapião, ou seja, o pedido poderá ser feito diretamente no Cartório de Registro de Imóveis da circunscrição onde se situa o imóvel.

Esta disposição é uma faculdade do requerente, afinal não exclui a possibilidade de se propor a ação judicial para aquisição do domínio.

A prova deve ser cabal no sentido de demonstrar a justa posse, mansa e pacífica, nos prazos legais, comprovada através de justo título, ou de outros documentos que evidenciem a origem, a duração, a continuidade e a qualidade de sua justa procedência.

O Oficial do Cartório de Registro Imobiliário analisará detalhadamente a documentação, expedirá as notificações necessárias àquele que consta como proprietário do imóvel perante o cartório, aos confrontantes ou confinantes e ainda às Fazendas Públicas – municipal, estadual e federal.

Não surgindo impugnação ao pedido pela pessoa em cujo nome está o imóvel, pelos confrontantes e órgãos públicos, o próprio titular do cartório reconhecerá a usucapião.

Desta forma, cumprido está o objetivo da alteração legislativa, encurtam-se drasticamente os prazos para obtenção da declaração de propriedade do imóvel.

Todavia, caso haja alguma impugnação, o oficial do cartório deverá remeter o expediente ao juízo competente da situação do imóvel. Cabe, então, ao pretendente adaptar o pedido a uma petição inicial, para que tenha andamento judicial, pelo procedimento comum.

Mas voltemos um pouco ao procedimento extrajudicial. Não raro ocorre de o Oficial de Registro Imobiliário fazer alguma exi-

Prazos de prescrição aquisitiva (usucapião) de bens imóveis previstos no ordenamento

Modalidade de Usucapião	Fundamento	Requisitos	Remissões
Extraordinária- 1	Decurso de tempo que causa a prescrição aquisitiva	a) posse ad usucapionem; b) decurso de 15 anos, ininterruptos.	CC 1238 caput
Extraordinária-2	Prescrição aquisitiva minorada por ter o possuidor dado destinação que atende a função social da propriedade	a) posse ad usucapionem; b) transcurso de 10 anos sem interrupção c) ter o possuidor constituído sua morada habitual no imóvel, ou nele realizado obras ou serviços de caráter produtivo.	CC 1238 parágrafo único
Ordinária-1	Prescrição aquisitiva	a) posse ad usucapionem b) decurso de 10 anos contínuos; c) justo título; d) boa-fé.	CC 1242 caput
Ordinária-2	Prescrição aquisitiva	a) posse ad usucapionem; b) decurso de 5 anos contínuos; c) aquisição onerosa do imóvel usucapiendo, com base em registro regular, posteriormente cancelado; d) possuidor tenha estabelecido moradia no imóvel ou tenha realizado nele investimentos de interesse social e econômico.	CC 1242 parágrafo único
Especial Rural (ou Constitucional Rural, ou Pro Labore)	Prescrição extintiva pelo fato de o proprietário não haver dado cumprimento e prescrição aquisitiva, benefício ao possuidor que a atendeu.	a) posse ad usucapionem; b) transcurso de 5 anos sem interrupção; c) área possuída de no máximo 50 hectares localizada em zona rural (CC 1239); d) propriedade rural que se tornou produtiva pelo trabalho de possuidor ou de sua família; e) haver o possuidor tornado o imóvel sua moradia; f) não ser o possuidor proprietário de imóvel rural ou urbano.	CF 191 L 6969/81 (LUE) CC 1239
Especial Urbana Residencial Individual (ou Constitucional Urbana individual)	Sanção ao proprietário por não dar cumprimento à função social da propriedade e benefício aos possuidores que a atendeu.	a) posse ad usucapionem; b) decurso de 5 anos ininterruptos; c) área urbana de até 250 m ² ; d) utilização para morada própria ou de sua família; e) não ser o possuidor proprietário de imóvel rural ou urbano; f) não ter o possuidor se valido desse benefício anteriormente.	CF 183 e §§ ECid 9º, 11 e SS. CC 1240
Especial Urbana Residencial Coletiva (ou Constitucional Urbana Coletiva)	Sanção ao proprietário por não dar cumprimento à função social da propriedade e benefício aos possuidores que a atendeu.	a) posse ad usucapionem; b) transcurso de 5 anos sem interrupção; c) área urbana de até 250 m ² ; d) destine-se a ocupação à morada da população posseira; e) sejam os possuidores de baixa renda; f) não sejam os possuidores proprietários de imóvel rural ou urbano; g) seja impossível identificar o terreno de cada possuidor, destacadamente.	ECid 10 e §§.
Especial Urbana Residencial Familiar	Sanção ao proprietário por não dar cumprimento à função social da propriedade e beneficiar pessoas que divide posse com ex-cônjuge ou ex-companheiro que abandonou o lar.	a) posse ad usucapionem; b) transcurso de 2 anos sem interrupção; c) área urbana de até 250 m ² ; d) destine-se a ocupação à morada Familiar; e) seja o possuidor de baixa renda; f) não sejam os possuidores proprietários de imóvel rural ou urbano; g) não ter o possuidor se valido desse benefício anteriormente.	CC 1240-A

gência, com a qual o requerente discorde e, neste caso, poderá se iniciar um processo administrativo denominado suscitação de dúvida, que será decidido pelo poder judiciário, e assim, inevitavelmente perde-se a possibilidade do encurtamento do prazo de aquisição da propriedade.

Enfim, a teor art. 216-A da Lei de Registros Públicos, o pedido em Cartório deve ser instruído com os seguintes documentos:

a) Ata notarial¹ lavrada pelo tabelião do Cartório de Notas, devendo o notário ou seu preposto devidamente autorizado se deslocar até o imóvel a fim de verificar a exteriorização da pos-

se, diante das circunstâncias do caso, discriminando os dados do imóvel, o tempo da posse e eventuais antecessores;

b) Planta e memorial descritivo assinado por profissional legalmente habilitado, com prova de anotação de responsabilidade técnica no respectivo conselho de fiscalização profissional, e pelos titulares de direitos reais e de outros direitos registrados ou averbados na matrícula do imóvel usucapiendo (objeto do requerimento) e na matrícula dos imóveis confinantes;

c) Certidões negativas dos distribuidores judiciais do local do imóvel e do domicílio do interessado;



- d) Justo título ou quaisquer outros documentos que demonstrem a origem, a continuidade, a natureza e o tempo da posse, tais como o pagamento dos impostos e das taxas que incidirem sobre o imóvel.

Ainda a teor do parágrafo 2º do art. 216-A da Lei de Registros Públicos, se a planta não contiver a assinatura de qualquer um dos titulares de direito reais e de outros direitos registrados ou averbados na matrícula do imóvel e na matrícula dos imóveis confinantes, este será notificado pelo registrador competente, para manifestar seu consentimento expresso em quinze dias, interpretado o seu silêncio como discordância.

Importante salientar que a alteração legislativa ao dar ao cidadão uma segunda opção para atingir objetivo que hoje é tão formal no tocante à aquisição da propriedade imóvel por meio da usucapião, não deixou de lado o direito do interessado em se valer do Poder Judiciário caso seja necessário, mesmo que o pedido inicial da usucapião tenha ocorrido pelas vias administrativas.

Isso porque os parágrafos 9º e 10º do artigo 216-A da Lei de Registros Públicos permitem ao interessado procurar o Poder Judiciário caso o pedido de usucapião seja negado pelo Cartório de Registro de Imóveis e/ou ainda, caso haja impugnação por algum dos interessados intimados do pedido de usucapião. Neste caso, o pedido será remetido ao Poder Judiciário a fim de que haja a conversão do procedimento administrativo em judicial, ou seja, o interessado pode ter a segurança de que terá salvaguardado seu direito constitucionalmente garantido de acesso à Justiça, mesmo que tenha inicialmente optado em requerer a usucapião pela via administrativa.

A vantagem do pedido extrajudicial da usucapião é o fator tempo/custo, ou seja, para aqueles que possuem toda a documentação em ordem, bastará apresentá-la no Cartório de Registro de Imóveis competente e realizar o pagamento de uma taxa

única a fim de que haja todo o trâmite interno para obtenção da propriedade de bem imóvel pela via da usucapião, o que não ocorre perante o Poder Judiciário, especialmente diante da enorme quantidade de processos que tramitam nos fóruns, além do alto custo da ação de usucapião, em especial quando há a necessidade de realização de perícia para apuração de medidas do imóvel e estabelecimento das limitações com apontamento dos confinantes.

Por outro lado, para esta ousada e inovadora realidade legislativa, já há defensores da inconstitucionalidade dos novos dispositivos legais, que ao nosso sentir, como tudo que é novo no mundo jurídico, ainda serão objeto de vários debates e controvérsias até a estabilidade de interpretações.

Tratando especificamente da defesa de suas propriedades rurais, é importante que os produtores mantenham a documentação comprobatória de sua posse em dia, a exemplo dos comprovantes de recolhimentos de impostos, certificação perante o Incra, contratos de prestação de serviço no imóvel, correspondências e o próprio Cefir (Cadastro Estadual Florestal de Imóveis Rurais), o qual a Aiba oferece assessoria a seus associados para obtenção.

Por fim, tanto para requerer a usucapião, como também para fundamentar eventuais impugnações, independente da forma como a usucapião será requerida, seja ela judicial ou extrajudicial, a assessoria de um advogado continua sendo imprescindível, não só por força de lei, mas também para boa defesa do interesse de todas as partes envolvidas.*

1 Ata Notarial é o instrumento público por meio do qual o tabelião atesta fato (Lei 8.935/94, artigo 6º, inciso III). É lavrada por tabelião de notas de livre escolha da parte (e não pelo registrador de imóveis perante o qual corre o procedimento de usucapião) Feijão.



Passarela da SOJA e do MILHO 2016

**Dia 18 de março (sexta-feira), às 7h30,
no Campo Experimental na Fundação Bahia**

Lúis Eduardo Magalhães (BA)

Realização

 **FUNDAÇÃO BA**[®]

 **Embrapa**

Um serviço pensado para **aumentar** a rentabilidade do seu negócio



Tudo o que você precisa saber sobre o mercado de **soja**, **milho** e **algodão** em um só lugar

SAFRAS & Mercado possui um time exclusivo de especialistas e consultores pronto para auxiliar em sua tomada de decisão

ANÁLISES

- Relatórios exclusivos
- Projeções de mercado
- "Bate-papo" sobre comercialização presencial e telefônico
- Meetings para construção de cenários de mercado

ASSESSORIA DE MERCADO

- Acompanhamento das estratégias comerciais:
 - Alertas de mercado
 - Suporte para planejamento comercial e financeiro

Identificação de oportunidades e riscos

INTELIGÊNCIA DE MERCADO

- Monitoramento em tempo real (metodologia e ferramentas exclusivas)
- Auxílio na gestão de risco de preço
- Soluções que integram os mercados físico e de derivativos (futuros, opções, termo)
- Treinamento e formação mercadológica permanentes

DIFERENCIAIS EXCLUSIVOS

- Forte proximidade com o cliente
- Acesso direto ao time de especialistas e consultores
- Comunicação direta, objetiva e de fácil compreensão

Mais Informações: **(51) 3290-9200**
www.safRAS.com.br



ABR realiza diagnóstico nas propriedades rurais

por **ASCOM ABAPA**

O Programa Algodão Brasileiro Responsável – ABR, iniciou em novembro, as visitas nas propriedades rurais do Oeste, com a finalidade de realizar o diagnóstico inicial e preparação do processo de certificação, safra 2015/16. O ABR tem como fundamento o incremento progressivo das boas práticas sociais, ambientais e econômicas, tendo sido implantado na Bahia pela Associação Baiana dos Produtores de Algodão (Abapa), com a coordenação da Associação Brasileira dos Produtores de Algodão (Abrapa) e com o apoio do Instituto Brasileiro do Algodão (IBA).

O programa de sustentabilidade é disponibilizado para todos os cotonicultores baianos. Para a safra 2015/2016, a expectativa é de certificar 55% da produção de algodão do Estado da Bahia. Na safra 2014/15, o ABR certificou 36 propriedades. A área de algodão certificado passou de 108.802 ha para 122.911 ha, um aumento de 12% em relação à safra passada. “Desde a sua implantação na Bahia, o programa ABR vem tendo sucesso no seu crescimento ano a ano, na região Oeste. Na safra 2012/13 foi certificado 52.544 ha de algodão que correspondeu a 20% da área plantada naquela safra, já na safra 2013/14 foi certificado 35% da área plantada de algodão, que registrou naquele ano 308.472 ha, e na safra 2014/2015 o programa certificou 46% da área de algodão, que registrou uma área plantada de 266.603 ha. O crescimento anual do programa ABR-BCI durante essas safras foi superior a 10% ao ano, tudo isso mostra o quanto o programa tem a



SUCESSO

Da safra de 2012/13 para a 2014/15, a área plantada com algodão certificado passou de 52 mil para 267 mil hectares, o que ratifica a evolução e importância do programa no Oeste

evoluir”, disse o coordenador do programa, Jean Carlos Gomes.

Seguindo o cronograma do programa, após a realização do diagnóstico é elaborado um plano de correções, em que serão sugeridas aos produtores, adequações das não conformidades encontradas. Para essa safra, serão diagnosticadas 60 propriedades da Bahia. A partir de março, essas propriedades passarão por auditorias independentes para confirmar ou não seu status de Fazenda Certificada.

Pilares do Programa

O Programa ABR tem como fundamento o incremento progressivo das boas práticas sociais, ambientais e eco-

nômicas nas propriedades que produzem algodão. No pilar social, a principal exigência é de alinhamento 100% às questões trabalhistas. Já o foco do pilar ambiental, é a preservação de ecossistemas, proteção de nascentes, cursos e reservas de água, promovendo a qualidade do ar, da água e do solo. O pilar econômico coloca a sustentabilidade como parte do negócio e propõe fazer do algodão sustentável uma opção rentável para o produtor.

A certificação ABR pode ser vinculada, automaticamente, ao licenciamento de comercialização da Better Cotton Initiative (BCI), organização mundial de sustentabilidade na cultura do algodão, se for opção do produtor.*

Soja Plus com novidades para 2016

Considerado o mais importante programa de sustentabilidade da sojicultura brasileira, o Soja Plus é um programa de melhorias contínuas nas áreas de gestão econômica, social e ambiental. Desde 2014 vem sendo implementado na Bahia, através da ação conjunta entre Aiba e Abiove (Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais), tendo recebido grande impulso através da parceria com a Solidaridad.

Como se trata de um programa gratuito aos agricultores participantes, a cada ano é realizado um novo plano de ação para que o mesmo possa atender seus objetivos e continuar sendo executado. Neste contexto, o planejamento para 2016 indica que o Soja Plus continuará ampliando suas ações e o número de beneficiados.

O ano de 2015 foi concluído com 49 propriedades participantes, todas com as sedes devidamente sinalizadas com placas de advertência, com orientações dos técnicos do programa através de visitas em todas as dependências da fazenda, além do recebimento de materiais de apoio para que as propriedades possam, gradativamente, promover melhorias quanto as adequações que a legislação exige. O ano fechou também com 97 produtores capacitados, através de treinamentos diversos voltados aos objetivos do programa.

Para 2016, a meta é atender mais 70 propriedades, com visitas de técnicos verificando as conformidades de pelo menos 180 itens da legislação ambiental e trabalhista, bem como fornecendo placas de sinalização e materiais de apoio aos agricultores. Neste mesmo período, todas as 120 fazendas participantes do programa serão novamente visitadas para avaliar as evoluções e desafios quanto a algum possível item de adequação.

Em paralelo, pelo menos 20 treinamentos serão realizados, sendo estes nas áreas de finanças à atividade rural, adequação a NR 31, legislação trabalhista, legislação ambiental, adequações de construções rurais, NR 33 e 35 sobre trabalho em altura e ambiente confinado. Os cursos ocorrerão em diferentes comunidades, visando

atender da melhor forma os produtores que participam do programa.

Dias de campo também serão realizados para apresentar sugestões de adequações em propriedades. Porém o mais importante evento de 2016 será o Seminário Nacional Soja Plus, que ocorre anualmente em diferentes estados e neste ano, em sua sexta edição, acontecerá em Luís Eduardo Magalhães, no dia 5 de outubro.

Para a execução da agenda do novo ano, a equipe da Aiba conta com quatro profissionais dedicados ao programa, bem como a parceria com a Universidade Federal de Viçosa, em que duas vezes no ano, equipes capacitadas reforçam o time de técnicos que acompanham os produtores de soja do Oeste da Bahia. Veja alguns depoimentos sobre o programa:



BERNARDO PIRES

Diretor de Sustentabilidade da ABIOVE



“O Oeste da Bahia é um local estratégico e de suma importância para a sojicultura brasileira, e por isso diversas empresas associadas a ABIOVE operam nesta região. O Programa Soja Plus, coordenado pela AIBA, está ajudando na prática para a melhoria gradativa e contínua da gestão das propriedades rurais. O Soja Plus exerce um papel fundamental para auxiliar o produtor rural na regularização socioambiental e com isso o Oeste da Bahia sai na frente como região de origem sustentável.”

**HARRY VAN DER VLIET***Diretor da Solidaridad*

“Nos últimos anos temos assistido a um aumento do número de empresas que firmam compromissos para a sustentabilidade das suas cadeias de fornecimento, com a aquisição de commodities e matéria prima produzida de maneira social e ambientalmente responsável e com gestão econômica. Neste sentido, o Programa Soja Plus está contribuindo significativamente para melhorar a transparência da cadeia de suprimentos e ajudar as empresas a cumprir estes compromissos de sustentabilidade. Atingir escala, no entanto, requer a superação de desafios, como o desmatamento ilegal, a exploração excessiva dos recursos naturais ou a poluição dos ecossistemas de água doce, e devem ser abordados de uma forma integrada. Precisamos ir para além dos setores individuais ou cadeias de abastecimento para conectar todas as partes interessadas dentro de uma mesma região, o Oeste da Bahia, e levar em conta os efeitos inter-relacionados de políticas e ações. Enfrentar os desafios de sustentabilidade deve reunir vários componentes presentes, desde agricultores, governo, comunidades, sociedade civil junto com as grandes empresas, para encontrar uma maneira de proceder um ordenamento territorial sustentável e duradouro. E assim formar uma região de preferência para a aquisição de matéria prima e produtos agrícolas com valores diferenciados”.

**RICARDO MANOEL ARIOLI SILVA***Diretor de Meio Ambiente da Famato*

“Após um ano de negociações com a Federação das Indústrias de Rações da Europa (FEFAC), eles resolveram adotar o Programa Soja Plus como padrão de Verificação da Sustentabilidade da Soja produzida no Brasil. Isto equivale a um Passaporte da Soja Brasileira para a Europa. É uma grande conquista do nosso Programa que, através da melhoria contínua nas propriedades e da transparência das informações, está abrindo as portas para o Mercado Europeu. Outras entidades de compradores da nossa soja já demonstraram interesse em usar o Soja Plus como referência, também”.

**JÚLIO CÉSAR BUSATO***Presidente da Aiba*

“A Aiba, através do Programa Soja Plus, busca proporcionar aos seus associados uma orientação mais precisa, de como ele pode melhorar e se adequar às legislações trabalhistas e ambientais, proporcionando desta forma um ganho para ele próprio, seus funcionários, para o meio ambiente e toda a sociedade”.

**AZIZ GALVÃO DA SILVA JÚNIOR***Professor no Departamento de Economia Rural da Universidade Federal de Viçosa*

“A interação com programas como o Soja Plus, permite que instituições de ensino e pesquisa cumpram sua missão de formar profissionais e contribuir de forma concreta para a solução de problemas e desafios reais do agronegócio brasileiro. Para a UFV e a equipe Agro Plus em particular, a possibilidade de atuar diretamente nas propriedades produtoras de soja no Oeste da Bahia, tem sido uma oportunidade única de aplicar conhecimentos e, principalmente, aprender com profissionais experientes e produtores de sucesso, em uma região de fronteira agrícola e alto nível tecnológico”.

**YARA POLIANA DE SOUZA SANTANA***Estagiária do Programa Soja Plus e estudante de Agronomia da Uneb*

“Encontrei no ambiente do estágio, trabalhando no Programa Soja Plus, uma grande oportunidade de unir a teoria à prática. Isso vai servir de alicerce para a minha carreira profissional. Reconheço a importância dos supervisores de campo no programa, mostrando que precisa-se de profissionais preparados para os grandes desafios, que consigam dar o suporte adequado aos produtores rurais para garantir melhoria nos processos de produção”.



SOJA,

a chave para o
abastecimento
mundial de
alimentos

por **CÁTIA DÖRR, HELMUTH KIECKHÖFER e CÍCERO FÉLIX**

Cultivada há milhares de anos na Ásia, a soja foi chamada de a “chave para o abastecimento mundial de alimentos”, no último relatório de uma das maiores organizações ambientalistas do mundo, a Rede WWF. Intitulado “O crescimento da soja: impactos e soluções”, o documento revela que entre 1962 e 2012, a produção da oleaginosa no mundo cresceu 10 vezes, passando de 27 para 270 milhões de toneladas. Nesse período, a população mundial subiu de três para sete bilhões de habitantes, a soja expandiu sua presença no dia a dia das pessoas, conquistou status e ganhou espaço em prateleiras de mercados inimagináveis.

Desde que surgiu a definição de alimento funcional e nutracêutico no Salão Internacional de Alimentação na França, em 1988, cientistas têm se debruçado sobre o assunto. Nos últimos anos, as pesquisas colocaram a soja entre os alimentos mais importantes do século XXI, por apresentar compostos capazes de produzir efeitos metabólicos ou fisiológicos úteis na manutenção de uma boa saúde física e mental e auxiliar na redução do risco de doenças crônico-degenerativas – características próprias de alimentos funcionais.

Entre esses compostos estão as saponinas, os fitoesteróis, os fitatos, os inibidores de protease, ácido fenólico, açúcares complexos, ácidos graxos ômega-3, lecitina, boro, vitamina E (tocoferol), ácido fólico, entre outros.

Para a nutricionista Suelen Mari Tombini, “o consumo da soja de forma e equilibrada traz vários benefícios para a saúde. O grão fornece uma excelente fonte de fibras solúveis que contribuem para o bom funcionamento do intestino e auxilia o controle glicêmico, de peso e colesterol”. Reduz os níveis do colesterol ruim (LDL) e ajuda a elevar os níveis do bom (HDL). O alimento também possui isoflavonas, substâncias que ajudam a atenuar os efeitos da menopausa e evitar a perda de massa óssea.

“A soja é uma ótima fonte de energia e proteína, contém potássio, cálcio, ferro, magnésio, zinco e vitamina C”, explicou Tombini, que acrescentou: “a soja previne ainda doenças como mal de Alzheimer, pois o grão contém lecitina que ajuda as células do cérebro serem mais ativas e eficientes”.





FOTOS: PIXABAY



ALIMENTO MAIS QUE FUNCIONAL

O complexo de soja, assim denominado pela agroindústria, é formado por grãos, óleo e farelo. De toda a soja produzida no mundo, 79% é esmagada para fazer farelo e destinado à ração animal, principalmente para aves, suínos e peixes; 18% é usado na fabricação de óleo de soja que, aliás, é o óleo vegetal mais consumido no mundo, detendo 25% do mercado global. O óleo ainda é usado na fabricação de cosméticos, sabonetes e biocombustível. De modo que a soja está muito presente no nosso dia a dia, mas poucos percebem.

Apenas 6% dos grãos da soja são usados diretamente para a alimentação humana, diz a FAO. Isso, principalmente nos países da Ásia, como China, Japão e Indonésia, cuja soja representa cerca de 60% da proteína ingerida pela população na forma de queijo (tofu), bolo fermentado (tempeh), leite (duyu), óleo, margarina, molho (shoyu), sopa, pasta, etc. Apesar dessa presença crescente desses e de produtos da soja no cotidiano da vida moderna, são seus aditivos proteicos que mais têm entrado na alimentação humana.

A lecitina, por exemplo, é encontrada em uma infindável lista de alimentos, de barra de chocolate a bebidas tipo iogurte, do pão aos cereais. Esse aditivo, além de controlar o colesterol, regula a produção hormonal, menstruação, auxilia no emagrecimento, minimiza os sintomas da menopausa e combate a dor de cabeça. A lecitina ainda reduz a incidência de pedras na vesícula biliar e é benéfica para o coração.

Dentre as oleaginosas, a soja é o grão mais utilizado na nutrição animal. Isto porque apresenta altos teores de proteína bruta, por volta de 40%; nos teores de óleos, por volta de 20%, além dos aminoácidos. A soja é considerada o mais adequado suplemento proteico vegetal disponível.



SUELEN MARI TOMBINI

Para a nutricionista, o consumo equilibrado da soja traz diversos benefícios à saúde. O grão reduz os níveis de colesterol ruim e eleva os do bom. Atenua os efeitos da menopausa e, devido às propriedades que retardam o envelhecimento, é muito usado na indústria de cosméticos



RAÇÃO

Cerca de três quartos da soja mundial são utilizados na ração animal. Entre 1967 e 2007, a produção de suínos cresceu 294%, a de ovos em 353%, e a de frango 711% (FAO, 2011). Veja, abaixo, a **média de gramas de soja utilizada por quilo de cada produto:**





C.FÉLIX



HISTÓRIA

MUNDO



A mais antiga referência sobre soja seria atribuída ao imperador chinês Shennong, conhecido como o Imperador dos Cinco Grãos: arroz, cevada, soja, trigo e milho. Acredita-se que lendário e herói cultural da mitologia chinesa deve ter vivido há

cerca de 5.000 anos atrás. Seu nome significa, literalmente, o "Fazendeiro Divino". Considerado como pai da agricultura chinesa, é tido como responsável por ter ensinado aos antigos a prática da agricultura, mostrando como cultivar grãos para evitar matar animais.

A soja cultivada hoje é muito diferente das suas ancestrais, que eram plantas rasteiras que se desenvolviam ao longo de rios e lagos. Sua evolução começou com o aparecimento de plantas oriundas de cruzamentos naturais entre duas espécies de soja selvagem que foram domesticadas e melhoradas por cientistas da antiga China.

Foi somente no século XVIII que pesquisadores europeus iniciaram estudos do feijão da soja como fonte de óleo e nutriente animal, e no início do século XX passou a ser cultivada comercialmente nos Estados Unidos. Na segunda década do século XX, o teor de óleo e proteína do grão começou a despertar o interesse das indústrias mundiais.

No entanto, foi a partir do final da Primeira Guerra Mundial, em 1919, que a oleaginosa passou a ter um destaque efetivamente internacional. Na oportunidade, a cultura começou a ganhar espaço nos Estados Unidos da América, a ponto de ser criada uma associação em torno de toda a cadeia da soja, a hoje conhecida ASA (American Soybean Association), que começou a operar em defesa da soja, com mais propriedade, em 1921.

BRASIL

No Brasil, foi cultivada pela primeira vez na Estação Agropecuária de Campinas, em 1901. O grão chegou depois com maior intensidade com os primeiros imigrantes japoneses em 1908 e foi introduzido oficialmente no Rio Grande do Sul em 1914. Porém, a expansão da soja no

Brasil aconteceu nos anos 70, com o interesse crescente da indústria de óleo e a demanda do mercado internacional.

FORTE: A SOJA: HISTÓRIA, TENDÊNCIAS E VIRTUDES/
PORTAL AGROLINK. WWW.AGROLINK.COM.BR

PARA VÁRIOS PALADARES

Apenas 6% dos grãos de soja são utilizados diretamente como alimento, como na salada com legumes e frango acima feita pela gourmet barreirense Olíbia Barbosa. Em formato de queijo tofu é consumido de diversas formas: empanado e frito, em salada com abacate ou com ostra ao molho shoyo

NA SAÚDE E NA BELEZA

Os benefícios da soja na saúde humana vão além da produção de alimentos. A oleaginosa também tem atraído a indústria fabricante de cosméticos. Isso porque o grão é rico em isoflavonas – substâncias fitoestrógenos com semelhança estrutural com os hormônios estrogênicos – que retardam o envelhecimento da pele. A substância possui mecanismos de ação que atuam na prevenção e redução da degradação do tecido e do colágeno, combatendo os radicais livres e estimulando fatores que melhoram a qualidade da pele. A substância é encontrada em produtos que têm o óleo de soja na sua composição, como protetores solares, cremes antioxidantes, xampus e sabonetes.



Marcelino Kuhnen e seu sócio Edivaldo de Oliveira na colheita da safra 2014/2015, quando fecharam média de 75sc/ha. Kuhnen cultiva a soja desde fins da década de 1990, em São Desidério



CARLOS ADELINO

EXPANSÃO SINGULAR

“Além de alimento humano, animal e energia renovável, a exemplo do biodiesel, a soja tem sua importância farmacêutica, que também agrega valor. Toda essa gama de produtos, subprodutos dão suporte e estabilidade para o produtor continuar plantando em larga escala”, explica o produtor Marcelino Kuhnen.

Natural do Paraná, Kuhnen é um dos milhares de sulistas que vieram para o Oeste baiano desde fins dos anos 1970. Desde o final da década de 1990 ele cultiva o grão em São Desidério e, para a próxima safra, já ampliou a área plantada para 1200 hectares. “Sem o produtor de soja o mundo não comerá proteína barata e com segurança alimentar”, garante.

Nos últimos 15 anos, a área plantada da soja no Oeste quase que dobrou, saiu de 800 para 1420 hectares. Na safra 2015/16 a área deve chegar a 1635, de acordo com estudos técnicos da Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia (Aiba). De toda soja produzida na Bahia, 47% é exportada para fora do país, principalmente para os asiáticos. Só China e Japão exportaram juntos mais de 1,5 mil toneladas da última safra.

Nas últimas décadas a soja teve uma expansão maior do que qualquer outro cultivo mundial. A área plantada saltou de 30 para 100 milhões de hectares, entre 1970 e 2012. A produção passou de 130 para 270 milhões de toneladas, entre 1996 e 2012. A Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) estima que em 2050 a produção mundial chegue a 514 milhões de toneladas.

O maior crescimento dos últimos anos aconteceu na América do Sul. A produção de carne para consumo doméstico e para a exportação foi o principal responsável pela expansão da oleaginosa no Brasil e Argentina. Apesar de tudo isso, os Estados Unidos ainda lideram o consumo per capita da soja no mundo.

“

Sem o produtor de soja o mundo não comerá proteína barata e com segurança alimentar”

MARCELINO KUHNEN, produtor

BOAS PRÁTICAS GARANTEM A SUSTENTABILIDADE

As boas práticas agrícolas adotadas pelos produtores rurais do Oeste da Bahia têm primado não apenas pelo desenvolvimento da economia da soja. As ações inovadoras implantadas frequentemente para garantir a sustentabilidade da agropecuária na região primam, sobretudo, pelo respeito ao meio ambiente e às legislações ambientais.

Através das instituições de classe como a Aiba, Abapa, Fundação Bahia e Sindicatos, os produtores, empregando recursos próprios e de fundos privados e mistos, a exemplo do Fundeagro, Fundesis, Prodeagro e IBA, investiram nesta última década uma cifra superior a R\$ 125 milhões em mais de 60 projetos nas áreas ambiental, econômica, social e trabalhista.

A execução dos projetos envolvem parcerias com escolas (CETEP), universidades (Uneb, Ufob), faculdade (Fasb), associações comunitárias, instituições públicas (ADAB, EBDA, Embrapa, Conab, Sema, Seagri, Polícia Militar, Civil, Federal, Derba, etc.) e organizações não-governamentais (Solidaridad e TNC). Tudo isso tem resultado em soluções práticas e preventivas para problemas que possam ocorrer ao longo das cadeias produtivas da soja, algodão, milho, feijão entre outras culturas da região.

Entre vários projetos em andamento estão: "Determinação de Áreas de Preservação Permanentes (APP'S) em veredas", "Programa de Monitoramento de Pragas na agricultura", "Qualificação profissional de trabalhadores rurais no campo", "Manutenção e conservação de estradas", "Programa integrado de segurança na área rural e urbana", "Implantação de um Centro de Apoio a Regularização Ambiental", "Pesquisas: Agricultura Sequestradora de Carbono", "Melhoramentos Genéticos de Variedades de Soja e Algodão", "Programa Jovem Aprendiz Rural" e "Programa SOS Barreiras". Mais informações sobre estes e outros projetos desenvolvidos no Oeste podem ser obtidas nas instituições representativas do setor produtivo.*

Bibliografias consultadas

AMARAL, VERA MARIA GURGEL, *A Importância da Soja Como Alimento Funcional para a Qualidade de Vida e Saúde*, Faculdade de Engenharia Mecânica, Universidade Estadual de Campinas, 2006, 69p. Trabalho de Mestrado Profissional.

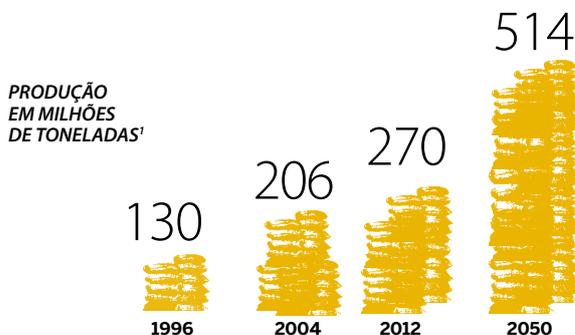
PAXTON, J. S. Soy Protein: Your Key To Better Health, *Phytoestrogens: The Biochemistry, Physiology, and Implications for Human Health of Soy Isoflavones* – AM J. Clin Nutri: 1998; 68 (Suppl): 13335-465. Printed in USA. 1998 American Society for Clinical Nutrition.

WWF. 2014. The growth of Soy: Impacts and Solutions. (O crescimento da soja: impactos e soluções) WWFInternational secretariado internacional da Rede WWF, em Gland, na Suíça.

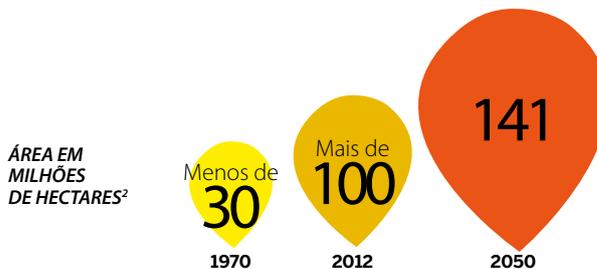


PRODUÇÃO MUNDIAL

Nas últimas décadas, a expansão da soja foi maior do que a de qualquer outro cultivo mundial. Só entre 1996 e 2004 sua produção cresceu 58%. Sua área saiu de 30 milhões de hectares em 1970 para atuais mais de 100 milhões.



¹ FONTE: BRUIINSMA, 2009; USDA-FAS, 2013; FAO, 2007



² FONTE: AGRALYTICA, 2012; FAOSTAT, 2013; BRUIINSMA, 2009

SAFRA MUNDIAL DA SOJA 2015/16

10º levantamento do USDA

PRODUÇÃO*

Países	Safras		Variação	
	14/15	15/16 ³	Abs.	%
EUA	106,9	107,0	0,1	0,1
Brasil	96,2	100,0	3,8	4,0
Argentina	61,4	58,5	-2,9	-4,7
China	12,2	12,0	-0,2	-1,2
Demais	42,2	43,1	0,9	2,1
MUNDO	318,8	320,5	1,7	0,5

*Brasil e EUA terão uma colheita recorde. A Argentina melhorou a previsão em relação ao levantamento de janeiro/16, mas ainda assim esta safra será menor que a anterior 4,7%.

EXPORTAÇÃO*

Países	Safras		Variação	
	14/15	15/16 ³	Abs.	%
Brasil	50,6	57,0	6,4	12,6
EUA	50,2	46,0	-4,2	-8,3
Argentina	10,6	11,8	1,2	11,6
Paraguai	4,4	4,6	0,2	5,1
Demais	10,2	10,5	0,3	3,0
MUNDO	125,9	129,8	4,0	3,2

*O Brasil continua na dianteira em relação ao levantamento de janeiro/16, seguido pelo EUA. Os dois países, juntos, representam quase 80% de toda exportação do mundo.

³ 10º levantamento USDA da safra 2015/16 - Fevereiro/16
FONTE: USDA (United States Department of Agriculture), Departamento de Agricultura dos Estados Unidos

As unidades de monitoramento e combate a incêndios florestais



por **ALESSANDRA CHAVES**

Diretora de Meio Ambiente da Aiba, bióloga, especialista em gestão de recursos hídricos, mestre e doutora em Botânica

As ações de monitoramento a focos de calor e articulação para combates a incêndios florestais, mostram-se cada vez mais importantes e imprescindíveis para minimizar perdas em áreas produtivas e áreas destinadas a conservação como Reserva Legal e Áreas de Preservação Permanente (APP) localizadas no perímetro da propriedade rural. Nesse sentido foram criadas, em 2013, as Unidades de Monitoramento e Combate a Incêndio Florestal através de uma parceria público-privado entre a Associação de Agricultores e Irrigantes da Bahia (Aiba), Secretarias Municipais de Meio Ambiente, Instituto de Meio Ambiente e Recursos Hídricos e (Inema) e Corpo de Bombeiros.

A equipe técnica¹ da Aiba, composta por biólogos, geógrafo e engenheiro agrônomo, tem mobilizado produtores rurais desde o ano 2013 em ações de combates ao fogo, em um perímetro de aproximadamente 800 mil hectares entre os municípios de Barreiras, Luís Eduardo Magalhães e São Desidério.

O monitoramento dos focos de calor que é feito diariamente no site do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) (www.dpi.inpe.br/proarco/bdqueimadas/), indicou que o ano de 2015 houve um aumento destes, em toda a região Oeste da Bahia quando comparados aos anos de 2013 e 2014. O aumento dos focos de calor, está diretamente relacionado às altas temperaturas, ao acúmulo de biomassa e ao fenômeno el ninho, que atrasou o início das chuvas ampliando o risco de novas áreas queimadas.

As análises por imagens de satélites, evidenciaram que aproximadamente 10% do Oeste da Bahia foi atingida pelo fogo, envolvendo áreas destinadas ao uso alternativo do solo

(atividades agrossilvipastoris) e áreas com vegetação nativa.

Seguindo a perspectiva de outras regiões, quando compara-se exclusivamente as áreas monitoradas em São Desidério (500.000 ha) e as áreas de Barreiras e Luís Eduardo Magalhães (290.000 ha), também verifica-se que ocorreu um aumento das áreas queimadas entre os anos de 2014 e 2015. Entretanto, as análises de 2015 mostram-se muito abaixo dos valores registrados para os anos de 2010 e 2012, quando as Unidades de Monitoramento ainda não tinham sido implantadas.

Na Unidade monitorada em São Desidério, em 2012, antes do monitoramento, a área atingida pelo fogo chegou a ser 158.719,94 ha; já a Unidade de Barreiras e Luís Eduardo Magalhães queimou uma área de 47.060,45 ha. Em 2015 os registros mostram-se significativamente inferiores no qual queimou uma área de 49.527,26 e 19.840 hectares respectivamente, nas áreas monitoradas.

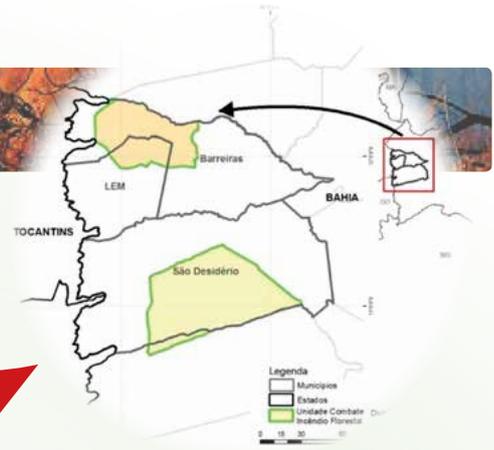
Conforme observado, existe uma associação direta entre o número de focos de calor com a extensão de áreas queimadas para todos os anos observados (2009 a 2015) no município de São Desidério e para a Unidade de Barreiras e Luís Eduardo Magalhães (2012 a 2015).

Para as áreas monitoradas, em alguns pontos, houve a dificuldade de aplicação dos planos de combates aos incêndios, sobretudo em áreas de difícil acesso e mais distantes das sedes das fazendas que disponibilizam os brigadistas voluntários e o maquinário para as ações. Entretanto, para obtenção de melhores resultados é importante a continuidade de ações voltadas a prevenção e mobilização periódica dos envolvidos, sendo indispensável o envolvimento dos produtores, dos órgãos ambientais e de toda a sociedade. Pois estas ações convergem para o bem coletivo em uma região que exerce um importante papel fomentador para as águas do Rio São Francisco, uma das maiores bacias hidrográficas do Brasil.*

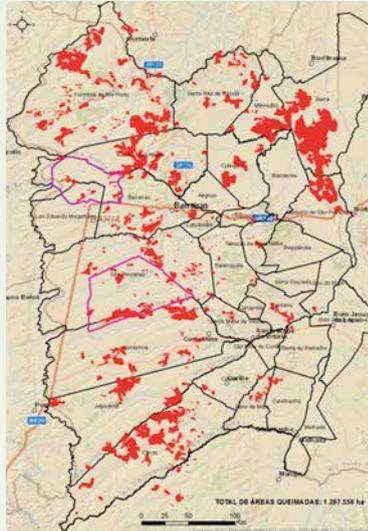
¹ A equipe técnica é formada por Alessandra Chaves (diretora de Meio Ambiente), Eneas Porto (analista ambiental), Glauciana Araújo (analista ambiental), Mariana Vieira e Lucas Lodi (estagiários)

SAIBA MAIS

As unidades de monitoramento e combate a incêndios florestais estão distribuídas entre São Desidério e Barreiras/Luís Eduardo Magalhães e atendem a cerca de 800 mil hectares da região Oeste da Bahia.



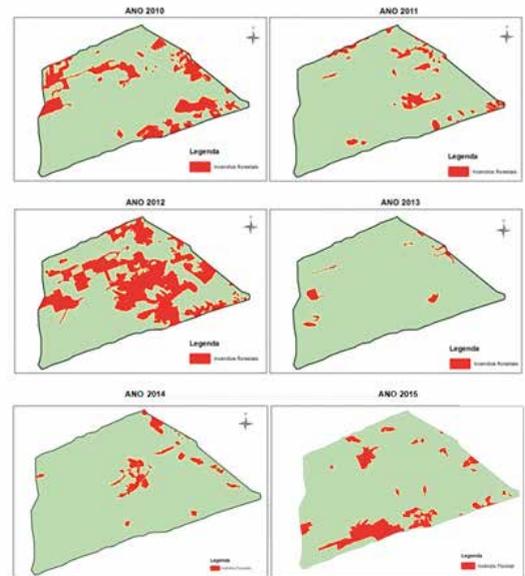
Unidades



Áreas queimadas

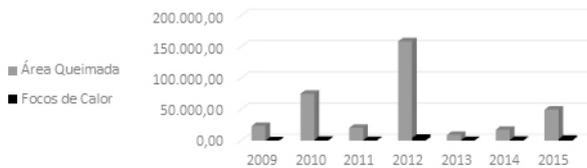
Em 2015, aproximadamente 10% da região foi atingida pelo fogo.

SÃO DESIDÉRIO

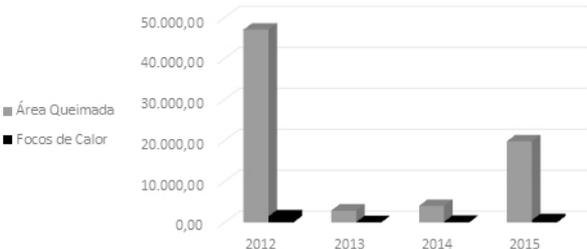


O destaque em vermelho representa as áreas queimadas de 2010 a 2015 nessa unidade que monitora 500 mil hectares.

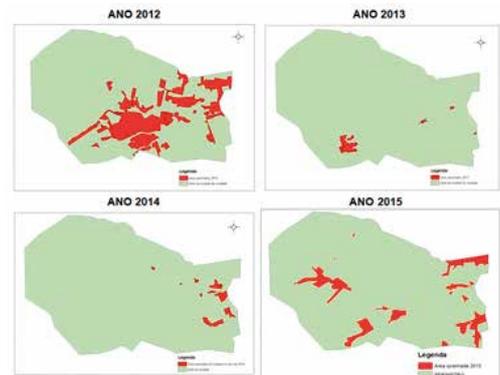
Quantificação das áreas queimadas e focos de calor (Entre 2009 - 2015)



Quantificação das áreas queimadas e focos de calor (Entre 2012 - 2015)



BARREIRAS/LUÍS EDUARDO MAGALHÃES



Áreas queimadas de 2010 a 2015. Essa unidade monitora 290 mil hectares.



Eleita a melhor empresa de defensivos agrícolas do Brasil no ano de 2015*, a CCAB Agro é formada por 18 cooperativas e dois grupos de produtores rurais, e atua na comercialização de defensivos genéricos desde o ano de 2006, atendendo 55 mil agricultores em diversos estados brasileiros.

*Revista Exame, julho/2015



A maior aliança
entre **agricultores**
da América Latina

Gustavo Piccoli

“A criação da CCAB Agro veio de encontro de uma demanda do setor produtivo, fazendo com que nós nos organizássemos melhor na gestão do agro e na diminuição dos custos.”
(COOAMI)

Júlio César Busato

“A CCAB teve dois papéis fundamentais: o primeiro na luta contra a helicoverpa armigera com a obtenção de produtos no controle da praga na emergência fitossanitária e segundo no nivelamento dos preços dos defensivos.”
(CODEAGRO)

Odílio Balbinotti Filho

“Além dos bons preços, os registros da CCAB nos trazem uma rentabilidade para a empresa que seja, você dá lucro para o produtor, mas é um lucro que retorna ao produtor.”
(COABRA)

Luiz Antônio Pradella

“Quando a CCAB vai em busca de um novo registro, ela está buscando aquilo que o dono dela, nós agricultores almejamos.”
(COOPERFARMS)

Odacil Ranzi

“A CCAB é algo fantástico, porque é formada por produtores, e nós precisamos acreditar naquilo que é nesta empresa vencedora e que veio para ficar.”
(COOPERFARMS)

Abapa intensifica visitas aos núcleos produtores de algodão

ASSOCIAÇÃO LANÇA CAMPANHA PARA UNIR CADEIA PRODUTIVA DO OESTE DA BAHIA EM TORNO DO COMBATE À PRAGA DO BICUDO-DO-ALGODOEIRO

por **ASCOM ABAPA**

Com o objetivo de analisar e discutir o controle do bicudo-do-algodoeiro em áreas de rotação e produção de culturas, a Associação Baiana dos Produtores de Algodão (Abapa), através do Programa Fitossanitário, realiza visitas e reuniões nos núcleos produtores de algodão. A ação faz parte da Campanha Agora é Guerra, que tem como objetivo unir a cadeia produtiva para combater o bicudo-do-algodoeiro, sendo executada pela Abapa, produtores, consultores, engenheiros agrônomos, técnicos e colaboradores das unidades produtoras de algodão de cada núcleo.

Para o diretor da Abapa, Celito Missio, o momento agora é de atenção e controle para não deixar plantas de algodão fora da lavoura de algodão, e reafirma a importância das visitas às lavouras. “O momento agora é de atenção e controle para não deixar plantas de algodão fora da lavoura de algodão. Devemos fazer esse tour em todas as fazendas, em todas as áreas de cultivo de algodão e em áreas de rotação do núcleo”, sugeriu Missio.

O primeiro Tour aconteceu na Fazenda Decisão – Rio Branco, do Grupo Zancanaro, localizada no núcleo Estrada do Café e Anel da Soja, município de Barreiras, reunindo cerca de 15 participantes e contou com a presença do pesquisador da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Dr. Paulo Degrande, que ressaltou a importância desses encontros.



ASCOM ABAPA

Núcleos de líderes

Estrada do Café e Anel da Soja

Ademar Marçal e Ricardo Teixeira

Paraíso Warpol, Timbaúba Sementec e Rodovia da Soja

Cézar Busato e Marcelo Kappes

Roda Velha

Willian Seiji Mizote e Kleber Sosnoski

Roda Velha de Baixo

Sandro Zancanaro e Tiago Hendges

Acalanto Mizote e Ventura

Devanir Bolonhini e Jorges Alves Filho

Rosário Correntina e Jaborandi

Luiz Carlos Bergamaschi e Denilson Roberti

Wanderley

Márcio Luiz de Resende

Placas e Bela Vista

Paulo Schmidt e Douglas Radoll

Ceolin

Clovis Ceolin e Marcos Junior Beck

Alto Horizonte

Rony Reimann e Adelar Cappellesso

“Essas ações e a união dos produtores são muito importantes. O bicudo se refugia nos cerrados, e em muitas plantas hospedeiras, por isso a importância do controle das tigueras e rebrotas de algodão que são locais propícios para hospedar e reproduzir a praga”, disse o pesquisador.

Núcleos produtores

A Campanha atua diretamente em núcleos, tendo os produtores como líderes responsáveis. “Acredito que essa iniciativa, é uma maneira de tentarmos tratar o problema e encarar essa dificuldade para chegar a um denominador comum para uma série de problemas que

essa praga traz”, destacou Ademar Marçal, um dos líderes do Núcleo Estrada do Café e Anel da Soja.

As reuniões têm como objetivo definir ações imediatas para controle do bicudo-do-algodoeiro e elaboração de um Plano de Boas Práticas que servirá de parâmetro para ações coletivas e preventivas para o controle populacional do bicudo. As visitas a campo, denominadas de Tour de Fazendas, têm o intuito de compartilhar experiências de manejo no controle de soqueiras e tigueras do algodoeiro.

O programa conta com a parceria da Adab, Fundeagro, Embrapa, e Instituto Brasileiro do Algodão (IBA).*

É preciso reduzir as perdas causadas pela mosca branca

por **MARCO ANTONIO TAMAI¹, MÔNICA CAGNIN MARTINS², HANNAN ALI N. GHAZZAOU², MARCOS ANTONIO DE SOUZA SAMPAIO¹ e ELISÂNGELA KISCHEL²**

O cerrado do Oeste da Bahia é uma região muito favorável a altas infestações pela mosca-branca, *Bemisia tabaci* (Gennadius), devido à combinação de temperatura média anual elevada, veranicos e sistema de produção com espécies hospedeiras cultivadas praticamente durante todo o ano. Relatos na região apontam para o agravamento do problema com esta praga nas culturas da soja e algodão a partir da safra 2001/02, com forte infestação em 2005/06 e mais recentemente no período de 2011 a 2014.

Ao contrário das lagartas falsa-medideira e Helicoverpa, a mosca-branca é um inseto-praga que tem recebido atenção insuficiente pelos produtores da região frente aos prejuízos que ocasiona. O impacto do inseto na produtividade de grãos desta oleaginosa no Oeste da Bahia tem sido estudado pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e Círculo Verde Pesquisa (CVP). A intensidade da perda na soja é muito dependente do cultivar. Cultivares muito sensíveis ao ataque pelo inseto perderam de 12,9 a 15,1 sacos/ha na safra 2006/07, e de 7,1 a 11,4 sacos/ha em 2013/14 quando a praga não foi controlada. Já outras tiveram reduzida ou nenhuma perda significativa de produtividade, demonstrando que existe cultivares comerciais menos sensíveis a mosca-branca. Estas pesquisas também demonstraram que o tempo de infestação interfere negativamente na produtividade dos cultivares, sendo maiores as perdas quanto mais tarde se inicia o controle. Um problema que pode se agravar na região é a transmissão de doenças pela mosca-branca (víroses), como observado nas safras 2013/14 e 2014/15, também com diferenças entre os cultivares.

De modo geral, os programas de melhoramento genético da soja dedicam-se ao desenvolvimento de cultivares produtivos com resistência aos fito-

DIVULGAÇÃO



NA BAHIA

Apesar dos prejuízos nas lavouras de grãos, pesquisadores acreditam que a mosca-branca ainda tem recebido atenção insuficiente dos produtores da região

nematóides e certas doenças, no entanto, isso não é comum para insetos sugadores. Os estudos, visando determinar a sensibilidade dos cultivares aos danos diretos e indiretos da mosca-branca, são fontes valiosas de informações, e que podem contribuir para definir estratégias de lançamento e de manejo para os novos cultivares.

O controle químico é o método mais utilizado para o controle da mosca-branca, e por muito tempo foi baseado no uso de produtos com ação sobre adultos. A presença de ovos e ninfas não controladas nas folhas possibilita a rápida re-infestação da área por adultos, e novas aplicações se fazem necessárias. O uso de produtos com ação

sobre ninfas e ovos, como os reguladores de crescimento e análogos do hormônio juvenil, em associação ou rotação com os tradicionais adulticidas são mais indicados, tornando o controle mais eficiente e contribuindo para que a evolução da resistência seja mais lenta, além de serem muito seletivos a insetos polinizadores e inimigos naturais. O monitoramento da lavoura para verificar a presença de adultos, ovos e ninfas da mosca-branca deve ser iniciado logo após a germinação das plantas e o controle químico deve ser realizado, com populações baixas da praga, pois a presença de fumagina nas folhas é uma evidência de que a população deste inseto atingiu níveis muito elevados, e para a maioria dos cultivares já ocorreu comprometimento na produtividade.

Por fim, é importante lembrar que as áreas de soja irrigada que foram semeadas em outubro/2015 precisam receber atenção especial para a presença e controle da mosca-branca e outras pragas e doenças importantes da cultura (Helicoverpa, percevejos e ferrugem), de maneira a evitar a maior incidência destes agentes nocivos em suas proximidades durante a safra 2015/16.*

¹ Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Barreiras (BA), e-mail mtamai@uneb.br; ² Círculo Verde Assessoria Agrônômica e Pesquisa, Luís Eduardo Magalhães (BA).



FACULDADE SÃO FRANCISCO DE BARREIRAS



13 Opções de Cursos de Graduação



Cursos de Pós Graduação



Professores Mestres e Doutores



Proposta Pedagógica inovadora



Estrutura Física Moderna

Com 16 anos de tradição, a Faculdade São Francisco de Barreiras (FASB) se consolidou como a maior instituição de ensino superior do Oeste da Bahia. Ao alcançar a marca de 4 mil profissionais formados, a instituição conta hoje com 13 cursos de Graduação*, devidamente reconhecidos pelo MEC, e anualmente entram na seleta lista do Guia do Estudante, da editora Abril.

Lado a lado com a comunidade, a FASB oferece serviços gratuitos por meio das Clínicas de Fisioterapia e de Psicologia, Núcleo de Prática Jurídica e Balcão de Cidadania e Justiça, além de projetos como a Universidade Aberta da Melhor Idade e o Projeto Soma.

*Administração, Agronomia, Biomedicina, Contábeis, Direito, Educação Física, Enfermagem, Fisioterapia, Gestão Comercial, Gestão Financeira, Gestão da Tecnologia da Informação, Produção Audiovisual e Psicologia.



Credenciada:



ProUni

CONTATO

(77) 3613 - 8800

AVENIDA SÃO DESIDÉRIO, Nº 2440, BAIRRO RIBEIRÃO,
Barreiras-Ba. CEP: 47.808-180 Cx.Postal: 235.

MAIS INFORMAÇÕES

www.fasb.edu.br

Nematoídes fitoparasitas na soja, algodão, café e vegetação nativa do Oeste

por **CARINA MARIANI LEITE LOPES***

A exploração da região Oeste da Bahia com a agricultura, principalmente das commodities soja, algodão, milho e café, tem uma história recente e muito bem sucedida. No entanto, nos últimos anos surgiram problemas fitossanitários como a disseminação de doenças e o ataque de pragas que até pouco tempo não preocupavam os produtores da região. Os nematoídes são organismos microscópicos que estão naturalmente presentes no solo em relativo equilíbrio, porém, áreas extensas sendo cultivadas com poucas espécies de plantas por períodos de tempo prolongados, favorecem a multiplicação de nematoídes que parasitam tais plantas e com o passar dos anos, perdas causadas por esses organismos começaram a ser percebidas. Os danos causados pelos nematoídes variam de acordo com a cultura, com as espécies de nematoídes presentes e com as interações dos nematoídes com outros fitopatógenos. Levando-se em consideração o progresso das populações de fitonematoídes em ambientes agrícolas e a dificuldade de atuação direta contra tais patógenos, devido sua capacidade de sobrevivência no solo e em diversas hospedeiras alternativas, surgiu o interesse em investigar qual o real panorama da presença dos nematoídes e do potencial desses organismos em causar perdas à agricultura da região Oeste da Bahia, para que se possam tomar medidas de controle adequadas ao real nível de risco representado por estes organismos.

Para este fim, amostras de solo e raízes foram coletadas na safra 2014/2015 nos principais municípios produtores de soja, algodão e café do Oeste baiano na bacia do Rio Grande sendo estes: São Desidério, Luís Eduardo Magalhães, Barreiras, Formosa do Rio Preto, Riachão das Neves e Baianópolis. As fazendas amostradas foram escolhidas para representar as áreas produtoras das culturas de soja, algodão, café e de vegetação nativa de cerrado, sendo essas últimas coletadas em áreas de re-

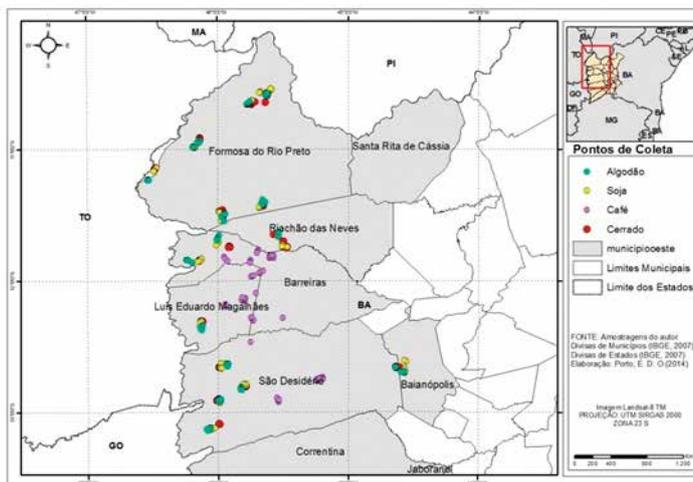


Figura 1 - Pontos de coleta das amostras em áreas de soja, algodão, café e cerrado na região Oeste da Bahia.

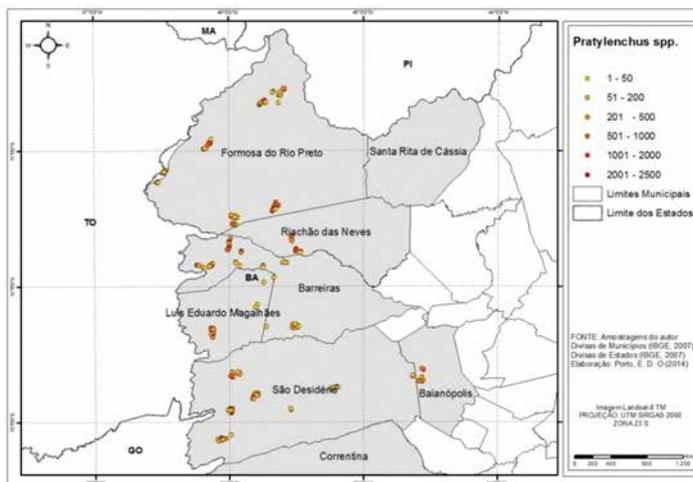


Figura 2 - Mapa da distribuição de *Pratylenchus* spp. e os intervalos das populações encontradas em cada local de amostragem em 10g de raízes.

serva legal das fazendas. As fazendas amostradas e os pontos de coleta georreferenciados estão representados no mapa (Figura 1).

Após análise de todas as amostras e identificação das espécies de nematoídes fitoparasitas, foram montados mapas da distribuição de

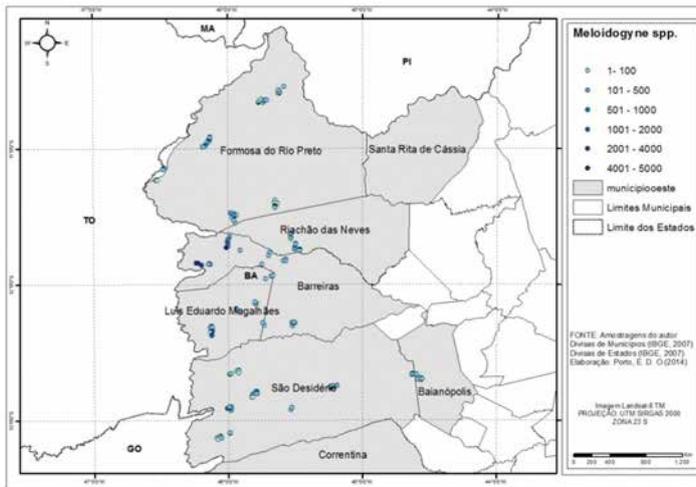


Figura 3 - Mapa da distribuição de *Meloidogyne* spp. na região e os intervalos das populações encontradas em cada local de amostragem em 300cm³ de solo.

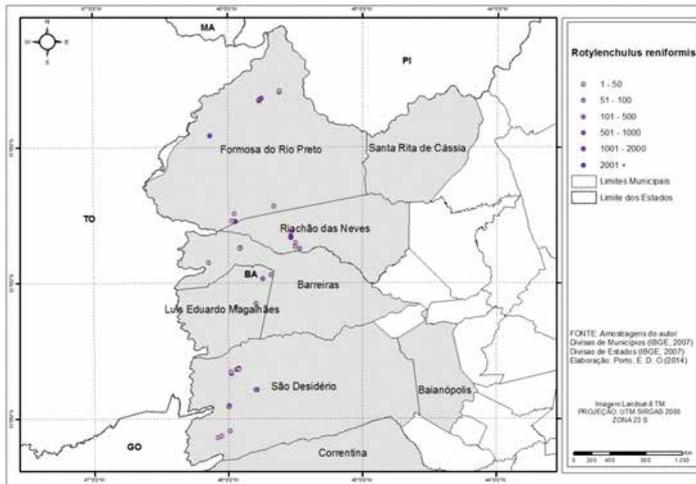


Figura 4 - Mapa da distribuição de *Rotylenchulus reniformis* e os intervalos das populações encontradas em cada local de amostragem em 300cm³ de solo.

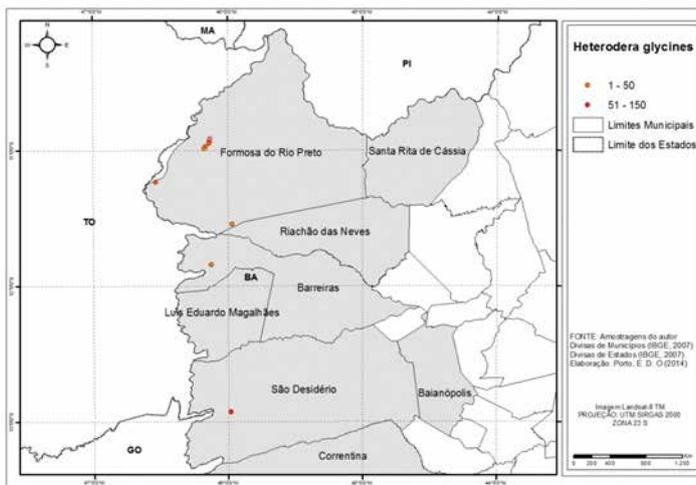


Figura 5 - Mapa da distribuição de *Heterodera glycines* (J2) na região e os intervalos das populações encontradas em 300cm³ de solo.

cada gênero na região. Estes mapas demonstraram uma relativa uniformidade na presença, do nematoide das galhas (*Meloidogyne incognita* e *M. javanica*), nematoide das lesões radiculares (*Pratylenchus brachyurus* e *P. penetrans*) e do nematoide reniforme do algodão (*Rotylenchulus reniformis*) dentre outros de baixo impacto, (Figuras 2, 3, 4), os nematoides citados estão naturalmente presentes nos solos do cerrado do Oeste da Bahia em populações relativamente baixas na maioria das propriedades amostradas, embora tenham sido identificadas grandes reboleiras de plantas prejudicadas pela ação destes organismos em algumas propriedades visitadas. O nematoide dos cistos da soja (*Heterodera glycines*) foi encontrado em poucas amostras e em níveis baixos neste levantamento, nos municípios de Barreiras, Formosa do Rio Preto e São Desidério (Figura 5). Esta espécie não é nativa da região, e apresenta um grande potencial de causar perdas na cultura da soja chegando a 90 – 100% na produção, não existindo níveis de infestação leves para esta espécie (Mendes e Machado, 1992) qualquer número de cistos diferente de zero já representa um potencial de danos para a cultura e a recomendação é que os produtores evitem ao máximo sua entrada e disseminação nas áreas, já que se trata de um nematoide de difícil controle e com alto potencial de prejuízos às lavouras de soja da região.

Quanto à amostragem na cultura do café, maior enfoque foi dada à investigação da presença ou não das principais espécies do gênero de *Meloidogyne* causadoras de danos a cultura, como *M. incognita*, *M. paranaensis* e *M. exigua*. Dentre estas, somente *M. incognita* foi encontrada nos cafezais estudados, uma outra espécie; *M. javanica* foi a mais encontrada na maioria das amostras positivas para o gênero, no entanto esta não é adaptada ao parasitismo em café, sobrevivendo principalmente em plantas daninhas dentro dos cafezais.

A realização desse levantamento fornece uma representação visual da presença e distribuição de importantes patógenos de algumas das principais culturas praticadas na região Oeste e chama atenção para a necessidade da adoção de práticas de manejo que evitem a multiplicação excessiva dos nematoides existentes naturalmente no cerrado, e que restrinjam a entrada e disseminação de espécies que não são naturais da região, para reduzir os impactos negativos que tais organismos possam causar na agricultura do Oeste da Bahia.*

Referências citadas

MENDES, M.L. & MACHADO, C.C. 1992. Levantamento preliminar da ocorrência do nematoide de cisto da soja (*Heterodera glycines* Ichinohe), no Brasil. Embrapa CNSP. Comunicado Técnico 53.

* Trabalho realizado para obtenção do título de Mestre em Fitopatologia sob orientação do Professor Dr. Juvenil Enrique Cares (UnB) em parceria da Universidade de Brasília e a AIBA.



A correlação entre o dólar e o preço doméstico do algodão

por **BERNARDO SOUZA LIMA***

Não é novidade afirmar que o preço do algodão no mercado interno brasileiro está diretamente ligado a cotação do dólar. A surpresa porém foi a volatilidade alcançada pela moeda norte americana em 2015, e a velocidade do impacto desta mudança no quadro de preços domésticos da pluma. No início de 2015, ao presenciar a cotação do dólar a R\$ 2,66, poucos agentes poderiam acreditar na incrível desvalorização que o real iria atingir ao longo do ano. A motivação deste artigo é tentar explorar a relação técnica e fundamentalista entre o valor do dólar e o preço do algodão no Brasil, e comprovar estatisticamente a correlação existente entre eles.

É notório que o dólar conquistou uma valorização mundial frente a todas nos últimos meses, mas o ganho frente à moeda brasileira foi um dos mais expressivos. Até o fechamento deste artigo (30/11/2015), o dólar já tinha conquistado uma valorização acumulada anual de 45% frente ao Real, ao bater o valor de R\$ 3,85. Um ano antes, em novembro de 2014, o preço dessa moeda estrangeira estava na faixa de R\$ 2,50. Em setembro de 2015 o dólar rompeu pela primeira vez o patamar de R\$ 4,00 e atingiu a sua máxima no dia 23/09/2015 quando fechou a R\$ 4,15. Essa queda súbita do Real em 2015 ocorreu em virtude da instabilidade política e econômica do Brasil, rebaixamento do grau de investimento do país, não cumprimento das metas fiscais do governo federal, entre outros fatores que trouxeram instabilidade e insegurança ao país. Desde a adoção do Real em 1994, a maior cotação havia sido em 10/10/2002, quando a moeda norte-americana foi negociada a R\$ 3,99, com a perspectiva de que o então candidato à Presidência Luiz Inácio Lula da Silva (PT) seria eleito, algo que não agradava o mercado financeiro.

O preço do algodão no mercado brasileiro apresentou comportamento de valorização equivalente ao do dólar ao longo de 2015. A melhor referência para medição do preço doméstico da pluma é o indicador CEPEA/ESALQ que estava R\$ 1,66 por libra peso no início de 2015, e em 30/11/2015 estava R\$ 2,25, alta acumulada de 36% no ano. Um fator que teve baixo impacto na variação do preço doméstico do algodão neste período foi o preço internacional do algodão (negociado na ICE Futures em Nova York), que em 2015 apresentou baixa volatilidade. Dessa forma, essa variável manteve-se praticamente neutra, deixando o valor da paridade do preço internacional do algodão sujeito principalmente à variação cambial.

Outros fatores que pesam fortemente na precificação do algodão são demanda e oferta. Porém, atualmente no Brasil, não podemos tratar a demanda e oferta domésticas de formas isoladas na formação de preço, mas sim suas interações com a demanda e oferta globais do algodão. No ambiente de comércio internacional e globalização em que estamos inseridos, a variação da demanda chinesa ou as alterações climáticas nas regiões produtoras dos Estados Unidos influenciam as cotações internacionais, que em seguida interferem indiretamente no preço da pluma em nosso país.

O elevado patamar da cotação do dólar intervém de forma altista nos preços domésticos da pluma aqui no Brasil, uma vez que o nosso mercado tende a ser balizado pela paridade de exportação como piso, e pela paridade de importação como teto. O Brasil tem uma posição superavitária na balança comercial do algodão, já que sua produção é maior que o consumo, e portanto há mais exportação do que importação do produto. Além de consumidor de pluma, o Brasil é também exportador e um importante player no mercado internacional. Desta forma, o produtor brasileiro tem a frequente opção de vender sua matéria prima para outros países. Essa comercialização externa torna-se uma concorrência para a indústria têxtil nacional. Se a conversão em Reais do preço de exportação (combinação en-

Onosndfogsd sdfgsd-
jfsghdf



tre base de preço internacional do algodão com o dólar) estiver superior ao preço do mercado interno, a tendência é que logo os produtores priorizem as exportações em busca de melhor remuneração. Neste caso, de forma natural, os preços domésticos tendem a se ajustar para cima, ou caso contrário os compradores internos não serão competitivos nas aquisições.

Esta dinâmica prevaleceu no comportamento dos preços brasileiros este ano, que subiram à medida que o dólar era valorizado frente ao Real, mesmo em um ambiente de demanda interna represada. A regra também é válida no caminho inverso, ou seja, se os preços domésticos estiverem em um patamar muito acima do valor da paridade de exportação, é provável que aconteça maior interesse de venda dos cotonicultores no mercado interno. Haverá portanto pressão nas cotações aqui dentro, de forma que o mercado possa cair e se aproximar mais da paridade de exportação, ficando teoricamente limitado a este mínimo.

Por outro lado, em um momento que o quadro interno apresenta procura muito maior que oferta, o preço doméstico deve descolar bastante da paridade de exportação, porém sem ultrapassar a paridade de importação (preço internacional do algodão acrescido de prêmio, impostos e convertido pelo câmbio). Se por uma determinada escassez, o preço interno romper a paridade de importação, haverá interesse da indústria local em

comprar algodão importado, reduzindo a demanda pela pluma nacional e fazendo com que naturalmente os valores se equilibrem até voltarem ao teto da paridade de importação. Este cenário porém não é o mais usual para ocorrer no Brasil, pois teoricamente há maior oferta que demanda no país.

Esse comportamento no quadro de preços mostra a interação entre a cotação doméstica do algodão no Brasil e o câmbio. É possível comprovar esta conduta medindo a correlação entre esses valores. A correlação é usada para medir a força e a direção do relacionamento linear entre duas variáveis. Seu coeficiente é analisado para saber se as alterações sofridas por uma das variáveis são acompanhadas por alterações na outra. Quanto maior a correlação positiva, o coeficiente se aproximará de 1. Se nula, ficará em 0. E quanto mais forte a correlação negativa, seu coeficiente se aproximará de -1. Para os valores do dólar frente ao Real de 01/01/2015 a 30/11/2015 e a cotação do CEPEA/ESALQ no mesmo período, o coeficiente de correlação identificado foi de 0,8598, o que demonstra uma forte relação entre os valores desses dois ativos. Pelo gráfico anexo é possível observar que essas duas as curvas apresentam trajetórias e comportamentos bem semelhantes.

Como a variação do preço internacional da fibra foi relativamente baixa ao longo deste ano, este fator teve impacto reduzido sobre a recente conta do valor da paridade internacional. Por isso, o dólar ficou em evidência na análise deste artigo. Entretanto, é importante ressaltar, que mais forte do que a correlação do preço interno do algodão com o dólar, é a correlação entre o preço interno do algodão com a paridade do preço internacional do algodão. O coeficiente entre essas duas últimas variáveis ficou em 0,9115 no prazo em questão. O gráfico anexo também ilustra claramente esse movimento, com as linhas desses dois valores caminhando bastante próximas. Através dessas comprovações, é possível observar que, apesar de existirem vários fatores que influenciam na composição do preço do algodão doméstico brasileiro, atualmente, o preço internacional e a cotação do dólar são os que exercem maior força.*

* Sócio da Souza Lima Corretora de Algodão.

“

O Brasil tem uma posição superavitária na balança comercial do algodão. Além de consumidor de pluma, é também exportador e um importante player no mercado internacional.”



ESTIMATIVA DE PRODUÇÃO DE SOJA - BRASIL - SAFRA 2015/16

Área em mil ha, Produção em mil t e rendimento em kg/ha

Estados	%		2015/16 **				2014/15 *			
	A/B %	C/D %	Área a Plantada	Área a Colhida	Produção	R.M.	Área Plantada	Área Colhida	Produção	R.M.
			(A)	(B)	(C)		(B)	(C)	(D)	
SUL	3	3	11377	11320	35446	3131	11060	11038	34445	3121
Paraná	2	4	5361	5334	17868	3350	5240	5230	17257	3300
Rio Grande do Sul	3	2	5371	5345	15499	2900	5220	5210	15212	2920
Santa Catarina	8	5	645	642	2079	3240	600	599	1976	3300
CENTRO-OESTE	4	3	14992	14917	45261	3034	14440	14401	43792	3041
Mato Grosso	5	-1	9232	9186	27557	3000	8830	8812	27935	3170
Goiás	3	21	3350	3333	10500	3150	3250	3234	8699	2690
Mato Grosso do Sul	2	0	2336	2324	6972	3000	2290	2285	6971	3050
Distrito Federal	6	24	74	74	233	3150	70	70	188	2700
SUDESTE	6	24	2246	2235	7039	3150	2120	2109	5662	2684
Minas Gerais	6	31	1430	1423	4483	3150	1350	1343	3425	2550
São Paulo	6	14	815	811	2556	3150	770	766	2237	2920
NORDESTE	5	2	2903	2889	7994	2768	2760	2746	7851	2859
Bahia	6	3	1478	1471	4237	2880	1400	1393	4095	2940
Maranhão	5	1	725	721	1946	2700	690	687	1922	2800
Piauí	4	-1	700	697	1811	2600	670	667	1833	2750
NORTE	7	4	1438	1431	4106	2869	1348	1341	3959	2952
Tocantins	4	0	857	853	2353	2760	820	816	2350	2880
Rondônia	4	5	230	229	721	3150	220	219	690	3150
Roraima	59	54	35	35	104	3000	22	22	68	3100
Pará	11	9	300	299	881	2950	270	269	806	3000
Amazonas	3	3	16	16	48	2900	16	16	46	2900
BRASIL	3,9	4,3	32956	32791	99847	3045	31728	31636	95711	3025

(*) PROJEÇÃO, SAFRAS. (**) PREVISÃO, SAFRAS. SUJEITAS A REVISÃO. FONTE: SAFRAS E MERCADO. BASEADO EM PESQUISA COM PRODUTORES, COOPERATIVAS E INDÚSTRIAS DO COMPLEXO SOJA.

soja País deve colher menos de 100 mi de toneladas nessa safra

A produção brasileira de soja em 2015/16 deverá totalizar 99.847 milhões de toneladas, com aumento de 4,3% sobre a safra da temporada anterior, que ficou em 95.711 milhões de toneladas. Na comparação com o relatório anterior de SAFRAS & Mercado, no entanto, houve um corte de 561 mil toneladas, ou 0,56%. Em dezembro, a estimativa era de 100.408 milhões de toneladas. Com as lavouras em fase inicial de

desenvolvimento, esta coluna indica aumento de 3,9% na área, que ficaria em 32.956 milhões de hectares. Em 2014/15, o plantio ocupou 31.636 milhões de hectares. O levantamento indica que a produtividade média deverá passar de 3.025 quilos por hectare para 3.045 quilos.

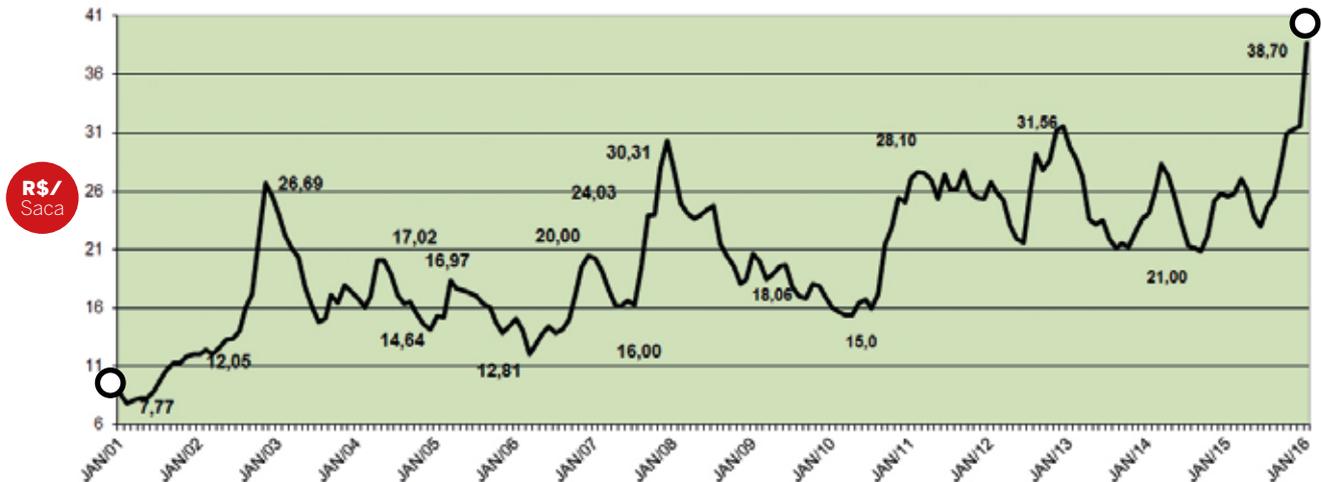
A presença do El Niño vem trazendo quadros distintos para o desenvolvimento das lavouras dos diversos estados produtores do país. "A safra brasileira não vai atingir todo o potencial estimado devido a algumas perdas já irreversíveis nas regiões Norte e Nordeste e em parte do Mato Grosso, que sofreram com a estiagem no último trimestre de 2015", aponta o analista Luiz Fernando Roque.

A falta de chuvas ao longo do último trimestre de 2015 castigou os estados produtores que formam o Matopiba, trazendo dificuldades des-

de o momento da semeadura. Os trabalhos de plantio atrasaram nestes estados. "Assim como no Mato Grosso, muitos produtores tiveram que replantar parte de suas áreas devido à falta de chuvas".

A situação é delicada na região, mas o retorno das precipitações em janeiro animaram os produtores. As lavouras que foram semeadas mais tardiamente devido aos atrasos serão beneficiadas. Algumas perdas foram irreversíveis, mas a possibilidade o clima positivo trouxe esperança para frear as perdas e recuperar parte das produtividades potenciais, principalmente na Bahia.

BR - Milho - EVOLUÇÃO DE PREÇOS - Centro-Sul
2001 a 2016



milho

Boa expectativa com aumento da área de plantio

A produção brasileira de milho deverá totalizar 89,986 milhões de toneladas na temporada 2015/16, acima das 88,397 milhões de toneladas colhidas na safra 2014/15. A projeção faz parte do mais novo levantamento de SAFRAS & Mercado. Na estimativa anterior, divulgada

em dezembro, havia uma previsão de colheita de 89,296 milhões de toneladas de milho.

O analista Paulo Molinari ressalta que a melhora na estimativa de produção de milho decorre da expectativa de um bom aumento na área de plantio da segunda safra, levando em conta, principalmente, a alta recente dos preços praticados no mercado interno. "Os bons números esperados para a safrinha em termos de produção e produtividade média compensarão o corte registrado na área e na perspectiva de colheita da safra verão de milho", explica.

café

Safra 2015/16 pode ser segunda maior da história

De acordo com a primeira estimativa da safra 2016 de café (espécies arábica e conilon), a produção brasileira deverá ficar entre 49,13 e 51,94 milhões de sacas de 60 quilos de café beneficiado. Se considerada a média de produção (50,5 mi), esta pode ser a segunda

maior safra da história, ficando atrás apenas da safra de 2012, que foi de 50,8 mi. A previsão indica um acréscimo de 13,6% a 20,1% em relação à produção de 43,24 milhões de sacas obtidas em 2015. Os dados foram divulgados pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab).

Este é um ano de alta bienalidade para o café. A característica dessa cultura faz com que a planta obtenha melhores rendimentos em anos alternados, especialmente o café arábica, e independe de tratamento do solo ou de outras ações tecnológicas.

algodão

Conab prevê recuo de 4% na produção

A safra brasileira de algodão em pluma na temporada 2015/16 está estimada em 1,500 milhão de toneladas, recuo de 4,0% na comparação com as 1,562 milhão de toneladas indicadas na safra 2014/15. Os números fazem parte do quarto levantamento da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) para a safra 2015/16. No levantamento anterior, eram esperadas 1,503 milhão de toneladas. O Mato Grosso, principal Estado produtor, deverá colher uma safra de algodão em pluma de 925,7 mil toneladas, número que representa um avanço de 0,4% ante 2014/15, quando foram produzidas 921,7 milhão de toneladas. A Bahia, segundo maior produtor de algodão, deve colher 379,8 mil toneladas de algodão em pluma, retração de 12,6% sobre 2014/15 (434,6 mil toneladas). Goiás deverá ter uma safra 2015/16 de 49,1 mil toneladas, com decréscimo de 5,9% sobre 2014/15, que foi de 52,2 mil toneladas.

Aprosem tem nova diretoria e amplia atuação no Matopiba

LAERTE BAECHTOLD ASSUME A ASSOCIAÇÃO DOS PRODUTORES DE SEMENTES DO ESTADO DA BAHIA COM O DESAFIO DE FORTALECER O SEGMENTO

da **REDAÇÃO**

Associação dos Produtores de Sementes do Estado da Bahia (Aprosem), conta desde o início de janeiro com novo presidente. Laerte Baechtold, da Sementes Cia seeds, assumiu o cargo para o biênio 2016/17, dando continuidade ao trabalho de Celito Missio, representante da Sementes Oilema, que se mantém na linha de frente da entidade como vice-presidente.

Esse é um novo passo para a entidade, que na sua primeira gestão teve conquistas e foco de trabalho na Bahia, mas com recentes filiações, ampliou sua atuação ao Matopiba, congregando a quase totalidade dos multiplicadores de sementes de soja da nova região agrícola.

“Os desafios da entidade foram ampliados com a nova atuação no Matopiba, porém estamos preparados para conduzir as ações de valorização de um segmento tão importante na economia regional, que é a produção de sementes”, destaca Baechtold.

Marco Alexandre Bronson e Souza, presidente da Associação Brasileira dos Produtores de Sementes de Soja (Abrass) e associado da Aprosem, destacou a importância da parceria existente entre Abrass e entidade estadual para o fomento do setor de semente de soja no nordeste do país, pois as ações nacionais tornam-se mais eficazes quando são feitas em nível local, o que está sendo proporcionado pela parceria entre as duas entidades. Isto porque, todos os associados da Aprosem são automaticamente associados a Abrass.

Comentando sobre o setor, Celito Missio destaca que todas as técnicas incorporadas à agricultura nos últimos anos não teriam tido o mesmo efeito se as sementes não tivessem evoluído. Elas representam o insumo de maior carga tecnológica disponível e responsável pelo aumento constante dos tetos de produtividades das culturas.

O multiplicador de sementes é o elo da cadeia de produção que mais leva inovações e tecnologias de melhoramento às lavouras. Desta forma, a semente passou a ser o elemento de maior atenção na hora de escolher os insumos. Saber qual



DIVULGAÇÃO

BIÊNIO 2016/17

Novo presidente, Laerte Baechtold deve estimular e valorizar o uso de sementes certificadas no Matopiba, região formada pelos estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia

o melhor material genético para a realidade de cada um, do clima atual, juntamente com os eventos tecnológicos de interesse, como resistência a lagartas e herbicidas, são elementos que envolvem a escolha das variedades a serem adquiridas pelo agricultor.

Pela importância da semente no desenvolvimento da agricultura do Matopiba, a Aprosem ampliou a atuação para congrega os envolvidos no setor. Um dos focos de trabalho da entidade é valorizar o uso de sementes certificadas, uma vez que é o insumo que tem recebido a maior importância nos últimos tempos.*

Curso de classificação de grãos capacita agricultores

PROJETO FINANCIADO PELO FUNDEAGRO TEM POR META DOTAR COMPRADORES E VENDEDORES DE CONHECIMENTOS FACILITADORES PARA A COMERCIALIZAÇÃO DE GRÃOS

por **ASCOM AIBA**

Desde fins a Aiba vem promovendo o “I Curso Prático de Classificação de Grãos”, com foco em soja, milho e feijão. A capacitação, voltada para os produtores do Oeste da Bahia, com objetivo de dotá-los de conhecimentos técnicos para auxiliar na comercialização da safra.

A falta de informação específica sobre as características ou padrões de classificação do grão e, conseqüentemente, do seu real valor de mercado pode gerar prejuízos e até causar a ruptura comercial entre o fornecedor e comprador, além de ocasionar problemas de ordem litigiosas e judiciais.

O curso é financiado pelo Fundo para o Desenvolvimento do Agronegócio do Algodão (Fundagro) e coordenado por Vinicius Sampaio, engenheiro agrônomo habilitado pelo Ministério da Agricultura para classificar e realizar laudos.

Ministrado pelo “Grupo MT Broker” e “O Classificador”, o curso acontecerá em seis comunidades agrícolas até final de março. Entre os temas abordados estão: as técnicas corretas de coleta de amostras, determinação de umidade, conceitos de classificação, identificação de defeitos e impurezas em amostras de grãos, além do enquadramento dos avariados, que podem ser identificados como ardidos ou mofados.

“Esse conhecimento é importante para o produtor porque é ele quem vai definir o preço do grão. O agricultor precisa



FOTOS ASCOM AIBA

CALENÁRIO DO CURSO

Capacitação já foi realizada nas comunidades de Vila Panambi, Novo Horizonte e Coaceral. Entre os dias 23 e 27 de fevereiro acontece na Roda Velha; de 1º a 5 de março em Rosário e de 22 a 26 do mesmo mês em Placas. Em breve o projeto contará com um laboratório móvel que auxiliará na classificação dos grãos

conhecer o seu produto para criar mecanismos que estejam em comum acordo com os vendedores e as empresas compradoras do grão”, explicou Sampaio.

A capacitação de produtores e trabalhadores rurais na classificação de grãos já acontece em outros estados e atende a uma exigência da legislação brasileira, que determina que todos os produtos de origem vegetal passem por uma espécie de triagem capaz de atestar a sua qualidade.

Ao término do curso, o participante estará apto para realizar a análise e classificação, dentro dos padrões exigidos tanto pelo mercado consumidor como pelos órgãos oficiais. Informações sobre inscrição no curso através do número (77) 3613.8000, das 8 às 12h e das 14 às 18h. Ou, pelo e-mail alesia@aiba.org.br. O investimento é de R\$ 250 para associados da Aiba e de R\$ 500 para não associados. As vagas são limitadas.*



Seleção de jovem aprendiz rural atrai centenas de estudantes

EM FUNCIONAMENTO DESDE 2013, PROGRAMA JÁ CERTIFICOU SEIS TURMAS E TEM SE TORNADO UMA ATRAENTE OPORTUNIDADE PARA O INGRESSO NO MERCADO DE TRABALHO RURAL

por **ASCOM AIBA**

Pelo menos 300 jovens, entre 18 a 23 anos, compareceram à Aiba no início de fevereiro para participar da seleção do programa Jovem Aprendiz na Área Rural, desenvolvido pelo Instituto Aiba, no Oeste da Bahia. Os inscritos foram entrevistados pelos gestores de RH das fazendas e os classificados serão convocados para contratação e devidamente remunerados, com carteira assinada.

“Os jovens têm consciência de que o agronegócio é a principal atividade eco-

nômica da nossa região e, conseqüentemente, a que mais emprega. Ávidos por conseguirem o primeiro emprego, eles já voltam seus olhares para as atividades rurais. E a proposta do projeto é justamente qualificar jovens de baixa renda para o mercado de trabalho, proporcionando aos mesmos cidadania e dignidade, através de uma profissão”, explicou Helmuth Kieckhöfer, superintendente do Instituto Aiba.

Durante dez meses, os aprendizes passarão por uma formação técnico-profissional na Fazenda Modelo, onde executarão, em um ambiente protegido, atividades práticas, atendendo às exigências da legislação vigente.



APRESENTAÇÃO

Equipe da Aiba explicou aos jovens interessados como funciona o curso que dura dez meses de formação técnico-profissional

As aulas no curso intitulado “Aprendizagem em Supervisão Agrícola” iniciaram no dia 23 de fevereiro. Além das disciplinas convencionais, os jovens estudarão Segurança no Trabalho, Legislação Ambiental e Trabalhista, Controle de Produtividade, Cultivares, entre outras. A capacitação ficará a cargo do Senar.

O Projeto Jovem Aprendiz na Área Rural é uma realização da Aiba/IAiba, em parceria com Sindicato dos Produtores Rurais de Barreiras, Fundeagro, Codevasf, Ministério Público e Ministério do Trabalho. Desde a sua criação, em 2013, o programa já certificou seis turmas, totalizando mais de 90 jovens capacitados.*

ASSOMIBA: UNIÃO EM PROL DO PROGRESSO.

Proporcionando a união das principais revendas de máquinas e equipamentos agrícolas do Oeste baiano para um agronegócio cada vez mais forte.



Agrovia



BAMAGRIL
Implementos Agrícolas



Evolução Constante

CAMPOESTE

CASE III
AGRICULTURE
MAXUM

NEW HOLLAND
AGRICULTURE
Jaraguá Bahia



Máquinas, Peças e Serviços

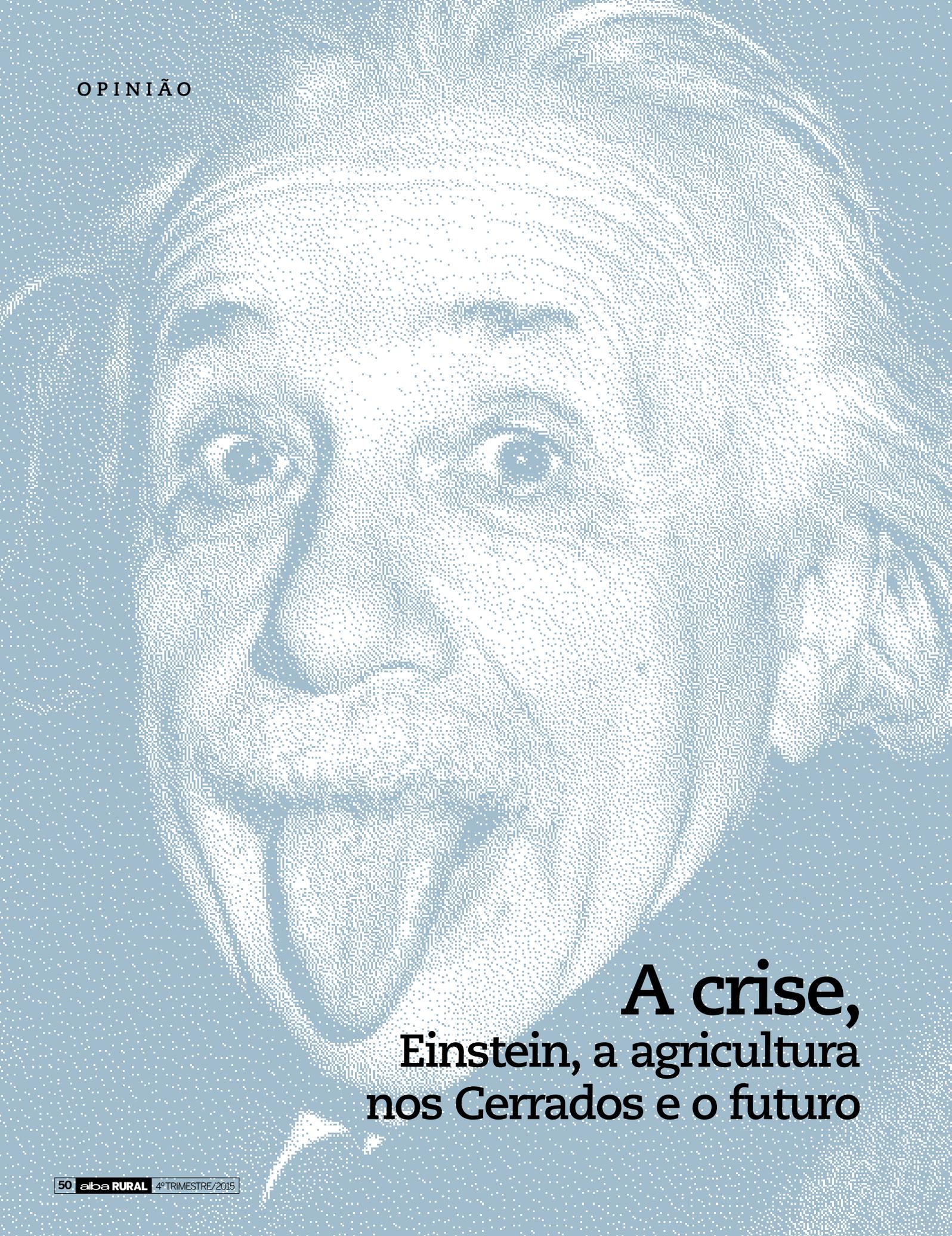


IROPEL

VALTRA
Lavrobrás

77 3628.330 - 3628.3409 - 99936.4332

Av. Jk Quadra 7 lotes 01,02, e 03 Bairro Imperial Imperial
Luís Eduardo Magalhães/BA



**A crise,
Einstein, a agricultura
nos Cerrados e o futuro**

Entre os mais brilhantes textos que já li sobre crise, destaco um redigido pelo físico alemão, Sir Albert Einstein (1879 – 1955), em que o autor cita três pontos que acredito serem fundamentais para o momento atual da crise no país e, porque não, na agricultura. Os pontos são: (1) não podemos pretender que as coisas mudem se sempre fizermos o mesmo; (2) é na crise que nascem as invenções, os descobrimentos e as grandes estratégias e (3) é na crise que se aflora o melhor de cada um. Na prática, ele realmente entende que a crise seja uma grande oportunidade para se tornar melhor.

Analisando-se a agricultura do Oeste da Bahia e do Mato Grosso, com enfoque para a produção de grãos e algodão, com o olhar voltado para a gestão organizacional e financeira, independentemente do porte do negócio, entende-se que as palavras de Einstein fazem sentido, visto que, na maioria esmagadora das fazendas percebem-se inúmeras lacunas gerenciais que, neste momento precisam ser eliminadas para garantir a sobrevivência do produtor.

Os sinais são nítidos para quem quer ver: o lucro vem caindo ano a ano (entre essas culturas citadas, tenho percebido prejuízo líquido – não é operacional – consistente há mais de dois anos), o endividamento está aumentando, o fluxo de caixa está cada vez mais difícil de se operacionalizar, a captação de recursos está mais difícil, burocrática e demorada.

Alguns podem dizer que isso seria fruto exclusivo dos últimos anos de seca que foram enfrentados pela região Oeste da Bahia. Além disso, é preciso lembrar das ocorrências crescentes de lagarta (percevejos e moscas brancas) nas lavouras. Ok, faz sentido, mas em parte somente. A esses, pergunto: por que os produtores do Estado do Mato Grosso estão passando por dificuldades, alguns inclusive pedindo recuperação judicial, se eles não passaram por veranicos nas últimas três safras? Atribuir toda a situação às pragas? Não parece ser justo.

A resposta não está na agricultura, mas na mudança de contexto, de cenário nos negócios. A mudança na dinâmica dos negócios, na complexidade da vida moderna, o crescimento do porte dos empreendimentos agrícolas e a necessidade de se tomar decisões acertadas numa velocidade cada vez maior indica que não podemos gerenciar mais as empresas/fazendas como fazíamos há 10, 15 anos. Os resultados estão aí para quem quiser contestar.

A pergunta então é: o que fazer para sair ou para não entrar na crise? Eu poderia sugerir, para facilitar o entendimento, que pensemos o que faz um time de futebol para ser campeão? As respostas serão similares. Primeiro ponto: faça um bom planejamento (no papel). Contrate gente boa, que pense, que raciocine, que faça a diferença. Monte uma equipe multidisciplinar. Analise e estude os adversários (clima, pragas, captação de recursos). Defina as estratégias com

“

A necessidade de se tomar decisões acertadas numa velocidade cada vez maior indica que não podemos gerenciar mais as empresas/fazendas como fazíamos há 10, 15 anos. Os resultados estão aí para quem quiser contestar.”

base em premissas lógicas. Copie o que funciona (particularmente, o agronegócio não é um celeiro de exemplos em gestão profissional de negócios – visite empresas de outros setores). Não invente a roda. Forme um time, onde o conjunto é mais importante do que cada um individualmente. Premie as pessoas, usando critérios justos e transparentes. E trabalhe duro.

Alguns produtores, neste momento, ainda precisarão usar táticas mais ousadas para sobreviver. Desmobilizar, isto é, vender parte da área para dar continuidade ao negócio, em alguns casos, será uma saída importante. Se esse for o caso, reduza a área de forma consciente. Tem time que foi campeão mundial pouco tempo depois de ter sido rebaixado para a segunda divisão. O que foi feito para essa mudança acontecer? Aliás, falar em mudança, assusta as pessoas. Não gostamos de mudar. Preferimos a zona de conforto, embora saibamos que somente o desconforto nos faz crescer. Na vida, por mais difícil que seja, em alguns casos, dar dois passos atrás pensando em dar cinco passos à frente é sinal de inteligência, adaptação, que permite sobreviver.

Destarte, alguns paradigmas precisam ser urgentemente revistos. Trabalho com pessoas que ainda acreditam que produtividade e lucratividade são sinônimos. Não são. E isso muda tudo quando se faz um planejamento e define uma estratégia. Outro engano: trabalhar mais horas por dia (exceto para funções estritamente operacionais) é sinal de maior produtividade no trabalho. Errado, não é.

Para finalizar, o futuro da agricultura depende de seguirmos, ou pelo menos, refletirmos sobre a receita de Einstein, ou seja, se queremos resultados diferentes, precisamos pensar e trabalhar de forma diferente. O futuro é incerto, mas sempre premiou aqueles que souberam se adaptar, tempestivamente, ao novo contexto de negócios. E vale lembrar, é na crise que se aflora o melhor de cada um. Mãos à obra!*

* Engenheiro Agrônomo e Mestre em Agricultura pela USP/ESALQ, Especialista em Estratégia Empresarial pela FGV e Sócio da Profissional Assessoria em Agronegócios. Contato: adriano.lupinacci@profissional.agr.br

Políticas públicas de apoio ao meio rural

por **ZÉ SILVA***

Numa democracia, grandes mudanças nas diversas áreas econômicas e sociais acontecem, efetivamente, a partir da mobilização desses setores por meio de suas organizações e entidades representativas. Mas essa mobilização também precisa interagir e repercutir nas organizações políticas, que, por sua vez, as decidem nos ambientes próprios para consolidar essas mudanças de forma democrática. Um desses ambientes é o Poder Legislativo, na União, nos estados e nos municípios.

E sem dúvida alguma, é na esfera federal, no Congresso, que temos a maior acolhida para mudanças e transformações demandadas pelo setor rural brasileiro. De nossa parte, sem contar tantas outras iniciativas dos demais parlamentares, podemos citar alguns projetos de lei com esse sentido de estabelecer novas bases de infraestruturas sociais e produtivas para suas populações.

Assim, tem o projeto de lei 4.943/13 – Qualidade de Vida no Campo, para garantir direitos sociais como educação e saúde de qualidade, saneamento básico, telefonia e habitação para cerca de 30 milhões de brasileiros que vivem no campo; o projeto 1.587/2011, que propõe alterações na Lei da Agricultura Familiar, elevando de quatro para seis módulos fiscais o tamanho das propriedades classificadas como familiares, ampliando para mais de 150 mil agricultores o direito ao Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) e a cerca de outras 20 políticas públicas.

Também nesse sentido são os nossos projetos 1.764/2011, que dispõe sobre reservas de vagas aos processos seletivos em universidades federais para estudantes oriundos do meio rural, e 2.497, reduzindo de 8 para 4 horas o prazo para restabelecimento de energia elétrica na área rural. Este já aprovado em todas as comissões da Câmara e tramitando agora no Senado com o número 11/15.

Entretanto, nos limites dos estados da Federação, de um modo geral, a construção de políticas públicas e a acolhida às demandas do setor rural ainda carecem de uma maior dinâmica. O mesmo acontece nos municípios, em que a maioria se limita a aplicar políticas públicas construídas quase todas no âmbito federal.

FERNANDO FRAZAO/ABR



Para mudar esse quadro, é preciso uma participação mais efetiva de nossas lideranças e gestores públicos municipais. Uma atitude que virá, principalmente, da compreensão do estratégico papel econômico e social desempenhado pelo agronegócio, em todas as suas dimensões, mas sobretudo da agricultura familiar, pelo que representa para a promoção da segurança alimentar, sustentabilidade ambiental e geração de trabalho.

Para ilustrar essa situação de marginalidade do campo nas políticas públicas, nas ações e investimentos propostos no ambiente político-institucional de estados e municípios, temos que os recursos orçamentários para fortalecimento do setor agrícola nessas unidades da Federação são ínfimos.

Nesse quadro, mais uma vez as eleições municipais deste ano são reveladoras das oportunidades que a democracia oferece para aprofundar ou mudar rumos e processos em nossas condições econômicas e sociais. A hora é essa, pois as leis, as políticas públicas e demais processos democráticos para uma mobilização em direção a mudanças e transformações são instrumentos também ao alcance de estados e municípios. ✱

* Agrônomo, extensionista rural, membro da Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA), deputado federal pelo Solidariedade (MG).

A close-up photograph of a coffee branch heavily laden with bright red, ripe coffee cherries. The leaves are green and glossy, and the background is a clear blue sky. The image is used as a background for the advertisement.

BoveMax EC®

Bioinseticida

Adeus Broca-do-Café!
Controle efetivo e sustentável.

MONSANTO 
BioAg™



SuperDia Agrosul - John Deere

O encontro vai acontecer em duas datas e cidades diferentes: no dia **27 de fevereiro**, a partir das 7h30, na Agrosul Máquinas, em Luís Eduardo Magalhães

(BA); no dia **5 de março**, também a partir das 7h30, Bom Jesus (PI) recebe a feira promocional.

2º Dia de Campo – Manejo de Nematóides

Promovido por “Círculo Verde - Assessoria Agronômica & Pesquisa”, o evento acontece no dia **4 de março**, às 8h, na Fazenda Santa Cruz, Km 848 da BR 020/242.



FeniCafé 2016

Neste ano, a Feira Nacional de Irrigação em Cafeicultura acontecerá de **8 a 10 de março** nas dependências do Pica Pau Country Clube, em Araguari - MG. Aos 21 anos de existência,

a FeniCafé reúne três grandes encontros: XXI Encontro Nacional de Irrigação da Cafeicultura do Cerrado, XIX Feira de Irrigação em Café do Brasil e o XVIII Simpósio de Pesquisa em Cafeicultura Irrigada. Além disso, o evento contará com aproximadamente 70 expositores e prevê um volume de negócios superior a R\$ 30 milhões.

Dinapec 2016 – Dinâmica Agropecuária

Promovido pela Embrapa, a Dinapec acontece nos dias **9, 10 e 11 de março**, em Campo Grande (MS). É uma oportunidade de produtores, técnicos e estudantes terem contato com novas tecnologias e sugerirem pesquisas.

Comercialização de Milho e Soja: Como reduzir riscos na Comercialização Utilizando Ferramentas Globais

Promovido pela Safras & mercado, o curso será realizado nos dias **9 e 10 de março**, em Maringá (PR). Entre os vários assuntos envolvendo o tema estão “A compreensão dos mecanismos de formação de preços nos mercados de milho e soja” e “Conhecer as estratégias de comercialização disponíveis para os mercados de milho e soja. Informações no endereço <https://goo.gl/NmoFOs>.”

Agro Rosário

De **10 a 12 de março** a JH Sementes em Correntina - BA será palco para mais uma edição do Agro Rosário. Para 2016 o palestrante convidado é o renomado Doutor Clóvis de Barro Filho. Além de doutor, Filho é livre docente pela Escola de Comunicações e Artes da USP, além de ser consultor e realizar palestras há mais de dez anos no mundo corporativo.

Dia de Campo na Fazenda Celeiro

A “Celeiro Sementes” realiza em sua unidade na cidade de Monte Alegre do Piauí, mais uma edição do Dia de Campo na Fazenda Celeiro, no dia **19 de março**, às 8h. O evento contará com mais de 1000 convidados, entre eles, os maiores produtores de grãos dos estados do Matopiba, PA e MT. Na programação conta visita a campos de experimentos, STANDS de parceiros, TOUR na UBS, almoço para os convidados e música ao vivo.

Tecnoagro 2016

Evento que reúne produtores, consultores, técnicos, professores, pesquisadores, estudantes e o público ligado ao agronegócio será realizado nos dias **16 e 17 de março**, no Centro de Pesquisa da Fundação Chapadão, localizado as margens da rodovia BR 060, km 11, no município de Chapadão do Sul, estado de Mato Grosso do Sul.

aiba
RURAL

A revista do agronegócio da Bahia

CRÉDITO RURAL CAIXA

COM VOCÊ EM TODOS OS MOMENTOS

A parceria da CAIXA com o produtor rural começa igual à vida no campo: bem cedinho. Com o Custeio Antecipado, você tem crédito disponível até 270 dias antes do início do plantio. Assim fica mais fácil se preparar e buscar as melhores condições de mercado. Além do Custeio Antecipado, a CAIXA oferece diversas linhas de financiamento para produtores, cooperativas e agroindústrias, do plantio até a comercialização.

Acesse caixa.gov.br e saiba mais.



SAC CAIXA - 0800 726 0101

(Informações, reclamações, sugestões e elogios)

Para pessoas com deficiência
auditiva ou de fala - **0800 726 2492**

Ouvidoria - **0800 725 7474**

caixa.gov.br | facebook.com/caixa | twitter.com/caixa

CAIXA
A vida pede mais que um banco

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA

A CIDADE EM QUE VIVEMOS SOMOS NÓS QUE FAZEMOS

Com a contribuição de toda a sociedade, o município de Luís Eduardo Magalhães está desenhando seu futuro, através do Plano Diretor Participativo (PDU). Este instrumento democrático estabelece os parâmetros para o desenvolvimento municipal a curto, médio e longo prazo, preparando o município para crescer de forma organizada e racional. O PDU contempla Desenvolvimento Econômico, Saúde, Educação e Cultura, Esporte e Lazer, Desenvolvimento Social, Meio ambiente e Urbanismo.

Procure saber, entenda e defenda a proposta. Você é parte fundamental deste processo.



Foto: Vespa

Veja mais em www.luiseduardomagalhães.ba.gov.br